

Sexo e poder político: os perigos da confusão

Numa correlação de forças desfavorável, teorias como a da "política do corpo", do "princípio do prazer", da "recuperação do potencial lúdico", etc., correm sempre o risco de se converter em sub-religiões e criar falsas simetrias, como a de que orgasmo é igual à revolução ou de que repressão social é igual a repressão sexual.

Não é um mau começo esse coletânea dirigida por Guido Mantega — na qual colaboram, entre outros, Olgaria Mattos, Maria Rita Khel e Jean Claude Bernardet — para procurar descobrir os arcos que nos acariciarão nos anos 80. Essas carícias, aliás, já podem ser sentidas com toda sua capacidade de erro em Fernando Gabeira, que no seu «O que é isso, companheiro?», faz a mais lúcida reflexão política sobre a gênese da ação e ao mesmo tempo, propõe uma discutível redução do sentido da política — apresentada, no entanto, como conquista de novos territórios — ao enunciar uma «política das cores», uma «política do corpo». É preciso, então, ler os ensaios coletados por Guido Mantega para saber como é possível errar ou como é possível acertar no momento em que nosso erotismo é descoberto, hélas, como contradição social.

Talvez iremos atravessar a próxima década assistidos por uma firme insinuação: a de dar equitativos direitos, para a explicação do real, à explicação social e à explicação a partir das hesões, do imaginário dormido que as pessoas devem restituir para si. O problema é tão velho como o pensamento social. Uma boa leitura de Maquiavel, Hobbes ou Rousseau daria uma idéia certa do estágio a que tinha chegado o tratamento do tema a partir do século XVI.

Diferentes roupagens

O próprio Marx é uma fonte de orientação permanente nos Manuscritos e até certo ponto nos Grundrisse, apesar de desde a Ideologia Alemã as «necessidades» terem adquirido definitiva consistência social, perdendo o veio antropológico que o Marx fruerbachiano insinuava. Mas este veio é uma cálida tentação encarnada na consciência contemporânea e que se apresenta com diferentes roupagens: com a psicanálise, claro, se chamou de «princípio do prazer», com o existencialismo se apresentou como «intencionalidade da consciência» e a partir da semiologia reclamou direitos para se designar como «prazer do texto», «linguagem do inconsciente» ou «estrutura dos discursos». Em desfecho soberbo de inspiração nietzscheana adquiriria ainda a forma de uma «teoria do desejo».



Treze ensaios, em 220 páginas.

Coincidência difícil

Mas o aventureiro programa de se fazer coincidir explicação social e explicação pelo desejo tem raízes menores que convém descobrir para ignorar. Porque uma coisa é o tema do desejo na fenomenologia de Claude Lefort, onde sempre se trata, sob esse conceito, de analisar as obras ideológicas no seio das sociedades históricas. E também uma coisa é em Foucault, a quem os reducionismos epistemológicos sempre permitem ser escandaloso e arbitrário sem perder o bom gosto. E ainda uma coisa é em Marcuse, para quem o Eros tinha uma cômoda vizinhança com todos os outros herdeiros da «filosofia clássica alemã».

E onde estaria então a «outra coisa»? Se sabe: em Wilhelm Reich ou em David Cooper o tema perde seu atrativo pedagógico e filosófico precisamente porque a reflexão sobre o corpo procura se converter em uma metáfora da revolução social — e as metáforas, uma vez que partem de simetrias prévias (orgasmo igual revolução) estão perdidas. Perdidas em uma cosmogonia energética e messiânica em Reich ou em uma tardia reprodução do retorno a uma animalidade criadora em Cooper, o que a literatura norte-americana dos primórdios da década de 60, Kerouac ou Mailer, expressava melhor, com descarada amargura e bom humor.

Ao profeta sul-africano Cooper («Gramática da vida» e outros textos antipsiquiátricos) falta a grandeza de Artaud, de Breton, do expressionismo alemão, de Casanova ou de Nietzsche, o que fatalmente o leva a casar a consciência da liberdade com o momento de alucinação da razão — um dos temas fundamentais da época —, construindo uma figura militante, que, embora queira corresponder à do monge milenarista, serve melhor à figura do militante vegetariano ou naturista.

Falsas simetrias

Com essa entrada, a reflexão sobre o sexo dificilmente poderá validar o momento mais alto da reflexão sobre o poder. O «êxtase», o «anti-autoritarismo», o «antimachismo», a «recuperação do potencial lúdico», a «associação entre prazer e beleza», quer seja na sua versão monacal ou na sua versão hedonista, devem cuidar de não se converter em sub-religiões, onde o fio sutil que separa a bela alegoria da trivialidade acabe por ceder. Para que isso não aconteça deve-se quebrar a falsa simetria (repressão social-repressão sexual), pois com ela se elimina a força do pensar político, que parte de não reconhecer homologias das zonas de consciência com as zonas da sociedade.

Ao descobrir falsas equivalências, pode-se servir menos à consagração da liberdade que ao retorno de formas invisíveis e sutis de despotismo, ainda que possam se chamar «antipsiquiatria» ou «política do prazer», e, quando não, terminar em uma ingênua politização do «rebelde primitivo».

Porém, é possível que esse seja o grande tema dos anos que virão. E a coletânea de Guido Mantega é útil para nos advertir sobre o perigo das boas tentações — das quais é justo se perguntar se não serão aquelas nas quais desejamos cair. Para tanto será preciso saber que a descoberta do poder erótico do ser político, tanto quanto o naufrágio definitivo no «sistema da moda», vêm envolvidos em palavras idênticas, que podem fazer com que esqueçamos que estamos diante de uma alternativa menos que diante de uma missão. (Horácio Gonzalez)

Guido Mantega (coordenador): «Sexo e poder», Editora Brasiliense, 220 páginas, Cr\$ 140,00.

Faltam creches para famílias de operários

Bem cedo, todas as manhãs, a faxineira Yolanda Maria Pereira de Jesus sai da pensão da rua dr. Tomaz de Lima, 240, em busca de vaga numa creche onde possa deixar o filho de sete meses, enquanto trabalha. Apesar de ter estado em dezenas de creches, Yolanda só recebeu promessa de vaga para fevereiro e não sabe o que fazer até lá. Num barraco da encosta, atrás da Fundação Getúlio Vargas, outra mãe está aguardando vaga para o ano que vem, pois não pode trabalhar se não tiver com quem deixar a menina Adriana, de 3 anos, e as "tomadoras de conta" da

Bela Vista estão cobrando mil cruzeiros por mês por criança, preço que ela não pode pagar.

Foi por causa da falta de creches que no começo do ano passado duas crianças morreram queimadas numa favela da Zona Norte, porque a mãe as tinha trancado no barraco que se incendiou, enquanto ia trabalhar.

A escassez de creches é um dos problemas que está preocupando o prefeito Reynaldo de Barros, que em vez de pedidos de asfalto, luz e transporte, que esperava dos moradores da periferia, está recebendo uma média de quatro abaixo-assinados por dia.

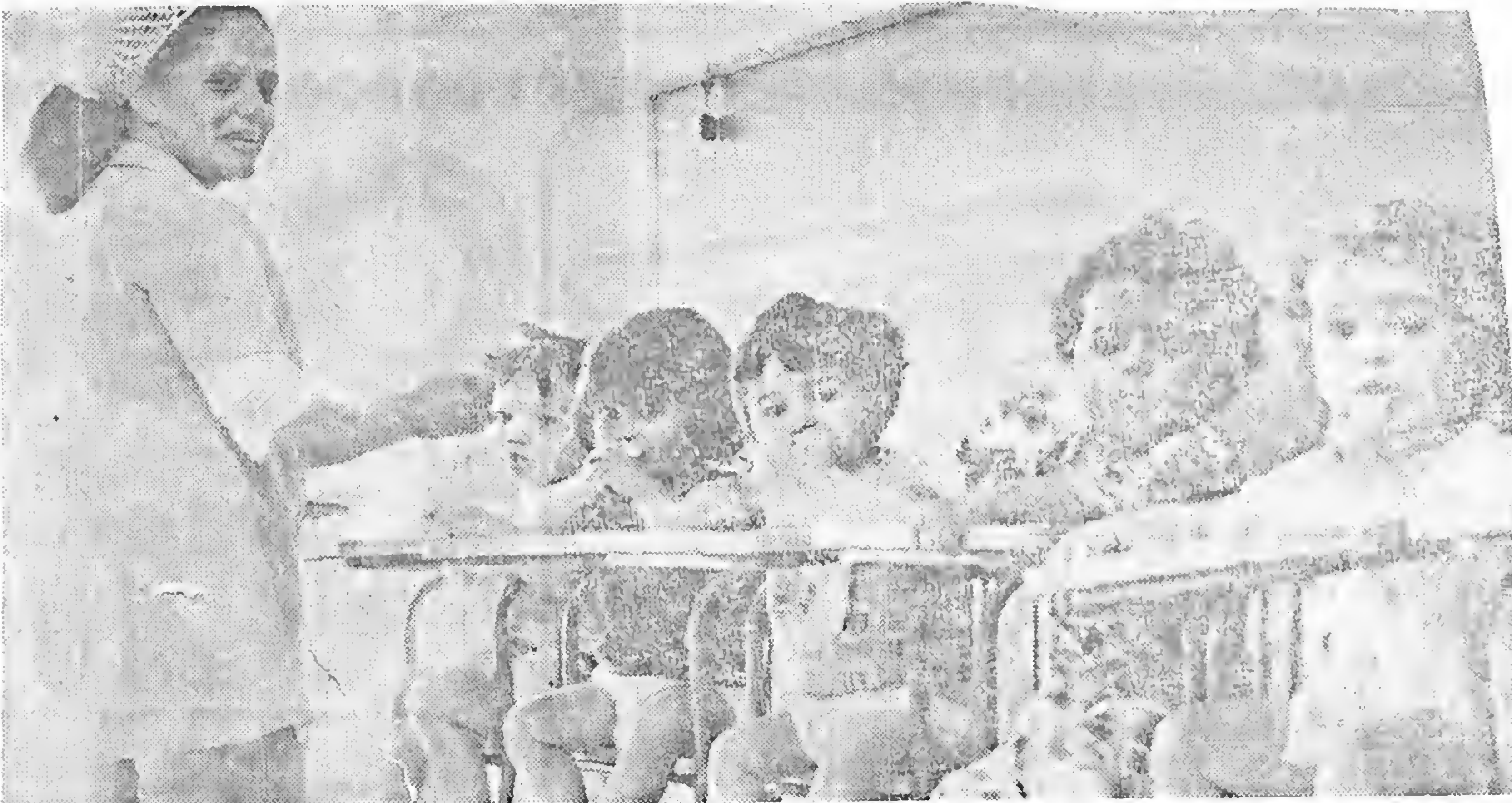
Segundo os cálculos da Prefeitura, que pretende construir 842 creches e núcleos comunitários em três anos, o município de São Paulo terá necessidade de creches para atender a 609.770 crianças de 0 a 3 anos de idade, no ano que vem, às quais se somarão mais 489.551, se considerada a faixa de 4 a 6 anos. E, em 1979, nas 117 creches existentes, só puderam ser atendidas 16.050 crianças.

A diferença entre a grande demanda e a pequena oferta resulta da existência de 112 creches-padrão, quando seriam necessárias 1.735, e de apenas duas minicreches,

quando os cálculos indicam a necessidade de 8.677. Assim, a realização de 17 concorrências públicas pela Coordenação do Bem-Estar Social nas duas últimas semanas, objetivando a construção de creches e núcleos comunitários em São Savério, Parque Guarani, Lauzane Paulista, Jardim Robru, Santa Teresa e na Favela Funerária, de Vila Maria, parece um começo modesto que, entretanto, deverá ser multiplicado tão logo os recursos do Fundo de Amparo Social, do BNH, do próprio orçamento da Prefeitura ou ainda do Banco Mundial, comecem a ser liberados.



A Prefeitura pretende construir 842 creches em três anos



Este ano, as 117 creches existentes só permitiram o atendimento de 16.050 crianças

Pesquisas indicam que o problema começou em 58

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos — Diteese —, a Fundação Carlos Chagas, a Universidade de São Paulo, a Pastoral do Mundo do Trabalho, a Comissão Justiça e Paz, a Coordenadoria do Bem-Estar Social — Cobes — e também o IBGE estudaram, separadamente e sob aspectos diversos, o problema da mulher que trabalha, e todos registram a existência de uma alta demanda de creches.

Das pesquisas realizadas por esses organismos, é possível concluir que a falta de creches é problema antigo, que começou a existir entre 1958 e 1968, quando a família típica trabalhadora não mais conseguiu sobreviver com o salário de apenas um de seus membros, e a mulher começou a trabalhar fora, precisando encontrar alguém com quem deixar os filhos.

Hoje com 19 anos, Elza Maria Conceição Oliveira viveu esse problema e conta que ela e a irmã foram "criadas pela televisão", pois a mãe saía de casa, perto da avenida Cupecê, antes das 7 horas, para ir trabalhar na praça Marechal Deodoro. "Eu tinha 8 anos, conta ela, e minha irmã Célia tinha 4; a comida era deixada pronta e a gente ficava unicamente vendo televisão. Não podia ir nem ao portão, tinha ordem de havendo qualquer problema mais grave, pedir ajuda à vizinha."

A coordenadora do Bem-Estar Social, Therezinha Fran, considera, entretanto, que o problema está se tornando mais grave agora. Isto porque, com a criação dos Clubes de Mães e Comunidades Eclesiais de Base pela Igreja e pelos Sindicatos, a mulher que trabalha está encontrando um canal para levar às autoridades a sua reivindicação que, entretanto, já é antiga.

Pesquisadores da Fundação Carlos Chagas e técnicos da Comissão Justiça e Paz comprovam que o artigo 400 da CLT, que obriga as empresas que empregam mais de 30 mulheres em idade fértil à manutenção de uma creche, é descumprido ou então burlado indiretamente, através da assinatura de um convênio com creche distante, que acaba não sendo utilizada. Enquanto isso, pesquisadores da USP verificaram que o abandono do lar pelo marido ou companheiro também influencia o problema. "É

que o homem se vê impossibilitado de, com seu salário, garantir a sobrevivência da família", diz a antropóloga Eunice Duran Ribeiro, "e então a abandona, simplesmente, ficando a mulher com a necessidade imperiosa de trabalhar, mas sem ter onde deixar os filhos".

Maria Francisca de Souza vive exatamente esse problema, pois embora tenha conseguido lugar na creche mantida pela Associação Santo Agostinho — ASA — para os filhos Soraia e Silvana, precisou parar de trabalhar pouco antes de nascer Luiz Fabiano.

Sem trabalhar e sem pagar o aluguel no cortiço da Bela Vista onde morava, Maria Francisca foi despejada e, não tendo para onde ir, acabou dormindo com os filhos por três dias na própria creche. Hoje, porém, passados três meses, sua situação é bem melhor: conseguiu lugar para o filho mais novo em outra creche, e está trabalhando novamente, como faxineira. Conseguiu um quarto no Jardim Heloisa que, mesmo não tendo janela alguma, é um lugar para morar.

Margarida Genevois, da Comissão Arquidiocesana Justiça e Paz, estudou longamente a questão da creche na empresa. Sua conclusão é que mesmo não sendo burlada a legislação, como ocorre com frequência, a creche no local de trabalho não resolve. "Basta imaginar a dificuldade de uma mãe para sair de casa às 5 da manhã, carregando um filho no colo e puxando outros dois — diz ela —, entrando num ônibus abarrotado, frequentemente sob chuva, para se verificar que a creche na empresa não resolve. É necessário montá-la na periferia, junto à residência da mulher que trabalha."

Sua idéia é que a creche deve contar, inclusive, com mão-de-obra do próprio bairro, pois se precisa começar às 6 da manhã, é inviável operá-la com educadores, pajens e enfermeiras que venham de bairros distantes, pois não teriam condições de começar a trabalhar nesse horário. A partir dessa constatação, surgiu a idéia de aproveitar a opção descoberta pelo próprio povo, as "tomadoras de conta", dando-lhes certa instrução, para que com noções básicas de higiene, pedagogia e desenvolvimento da criança,

possam prestar melhores serviços.

Uma experiência nesse sentido chegou a ser feita pelo Cobes na favela de Paraisópolis, mas surgiram muitos problemas, um dos quais diz respeito ao desvio dos alimentos fornecidos, que não chegavam às crianças, e o projeto foi abandonado.

Embora acompanhando com interesse todas as experiências que vêm sendo feitas e acreditando no futuro das creches comunitárias, cujo desenvolvimento vem sendo acompanhado pelas pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, a responsável pela creche da ASA, mantida pelas ex-alunas do Colégio Des Oiseaux, Maria Otília Andrade Figueira Campos, entende que o problema é extremamente complexo e não será resolvido a curto prazo.

Entretanto, mesmo entre famílias em altíssimo grau de penúria, Maria Otília vê algum progresso, dependendo do caso. E cita o exemplo de Argemiro e Maria Aparecida Viana Vieira que, com oito filhos e o pai de Argemiro, moravam num quarto na rua Castro Alves, dormindo as 10 pessoas numa única cama, já que o avô ficava sentado na calçada esperando a garotada acordar para dormir mais à vontade.

"O velho", conta Maria Otília, "é vendedor de bilhetes, o chefe da família é guarda noturno e a mulher faxineira. Tíham tanta coragem e vontade de vencer que, quando conseguiram uma casinha em Santo Amaro, ficaram uma semana alimentando se todos, exclusivamente, com chá mate, para economizar o dinheiro necessário para pagar o caminhão da mudança". "E há, ainda, o caso de uma mulher que não pôde trazer o filho menor à creche porque chovera no seu dia de acesso ao tanque do cortiço, e a criança ficara sem qualquer roupa limpa para poder sair", conta a responsável pela creche. "Ela conseguiu um emprego como faxineira noturna no necrotério da Beneficência Portuguesa, acabou fazendo um curso de auxiliar de enfermagem e a última vez em que apareceu aqui, tinha até colocado os dentes que faltavam." É pouco, conclui, mas nesse nível já é algum progresso."

É preciso atender 1 milhão de crianças

Apenas dois meses depois de ter assumido a Coordenadoria do Bem Estar Social — Cobes —, a pedagoga e psicóloga Therezinha Fram avalia, de forma categórica a demanda de creches. "De alguns anos para cá — afirma — houve um empobrecimento galopante da população e hoje, na Grande São Paulo, 75% dos trabalhadores estão na faixa de 0 a 5 salários-mínimos de renda mensal."

"A família cujo chefe tem essa renda — continua — precisa que a mulher e os filhos maiores trabalhem, e eram estes que, até há pouco, ficavam em casa cuidando dos irmõzinhos."

Como os levantamentos da Prefeitura indicam que em 1980

o município de São Paulo terá 813.027 crianças de 0 a 3 anos de idade e mais 652.735 na faixa de 4 a 6, a coordenadora do Cobes começa seus cálculos partindo do princípio de que 75% dessas crianças precisarão de creche, o que dá 609.770 de 0 a 3 anos e 489.551 de 4 a 6, ou seja, no ano que vem será preciso atender a perto de um milhão de crianças.

Enquanto não ficam prontos os levantamentos detalhados que encomendou e que só foram terminados em relação à Zona Sul, onde a demanda é de 460 creches, Therezinha Fram está usando dados aproximados para apurar a necessidade de creches. E o quadro preparado por sua assessoria indica:

Estimativa do Equipamento

	Creches (120 crianças)	Minicreches (50)
Equipamento necessário	1.735	8.677
Equipamento existente	112	2
Próprio da Adm. Direta	4	—
Próprio da Adm. Indireta	18	2
Particular em convênio com a PMSP	90	—

A SOLUÇÃO

A Prefeitura está buscando verba para a construção de creches em todas as fontes disponíveis, confirma a coordenadora do Cobes. Ao BNH foram pedidos 9 bilhões, a Robert Mc Namara, do Banco Mundial, e que está muito preocupado com a miséria, também foi pedida ajuda, contando-se ainda com a reativação do Fundo de Amparo Social — FAS —, da Caixa Econômica Federal. AS previsões são de que com esses recursos sejam construídas em três anos 842 creches e núcleos comunitários, e talvez mais, se vierem todos os recursos.

Sabemos que é menos do que o necessário, insiste a coordenadora, mas é o possível, e muitas licitações já foram feitas, o trabalho já teve início. A psicóloga apresenta a relação dos núcleos já licitados: Jardim D'Abril, Jardim São Jorge, Jardim Ester, Jardim Sandra, Vila Calú, Lauzane Paulista, Jardim Daisy, Vila Maria Baixa — Favela Funerária —, Edú Chaves, Vila Curuçá, Jardim Pan-Americano, São Savério, Santa Tereza, Parque Guarani, Jardim Robrú, Jardim Ellene e Jardim Miriam.

USO MÚLTIPLO

Além desse projeto, porém, o Cobes tem outro, que diz respeito a uma minuta de decreto preparada pelo prefeito Reynaldo de Barros, tendo em vista a inter-complementaridade dos equipamentos existentes. Em resumo, a tese é que num município com dificuldade de recursos, não tem cabimento que cada Secretaria tenha seu próprio equipamento, utilizado com um único fim, de forma setorializada.

Hoje, explica a técnica, a Secretaria de Esportes tem suas praças, que poderiam servir também a outros fins, o Cobes

tem suas creches, que por sua vez também poderiam ter seus prédios aproveitados de forma mais ampla, e o mesmo ocorre com a Educação e as outras Secretarias. Em resumo, a Prefeitura multiplica as despesas, quando poderia economizar se acoplasse uma creche a um parque infantil e a outros equipamentos, criando o núcleo comunitário de aproveitamento amplo.

PRIMEIROS TESTES

Assim que o decreto sair, o Cobes dará início às duas primeiras experiências, em Santo Amaro e Campo Limpo, cujo projeto será entregue na semana que vem ao Conselho de Desenvolvimento Social da Prefeitura, onde estão representadas as Secretarias de Planejamento, Saúde, Educação, Esporte, Cultura e o próprio Cobes. Aprovado, o núcleo comunitário será criado a partir do que existir na área, seja um núcleo do Mobral, uma pequena creche, um Clube de Mães ou qualquer organização comunitária.

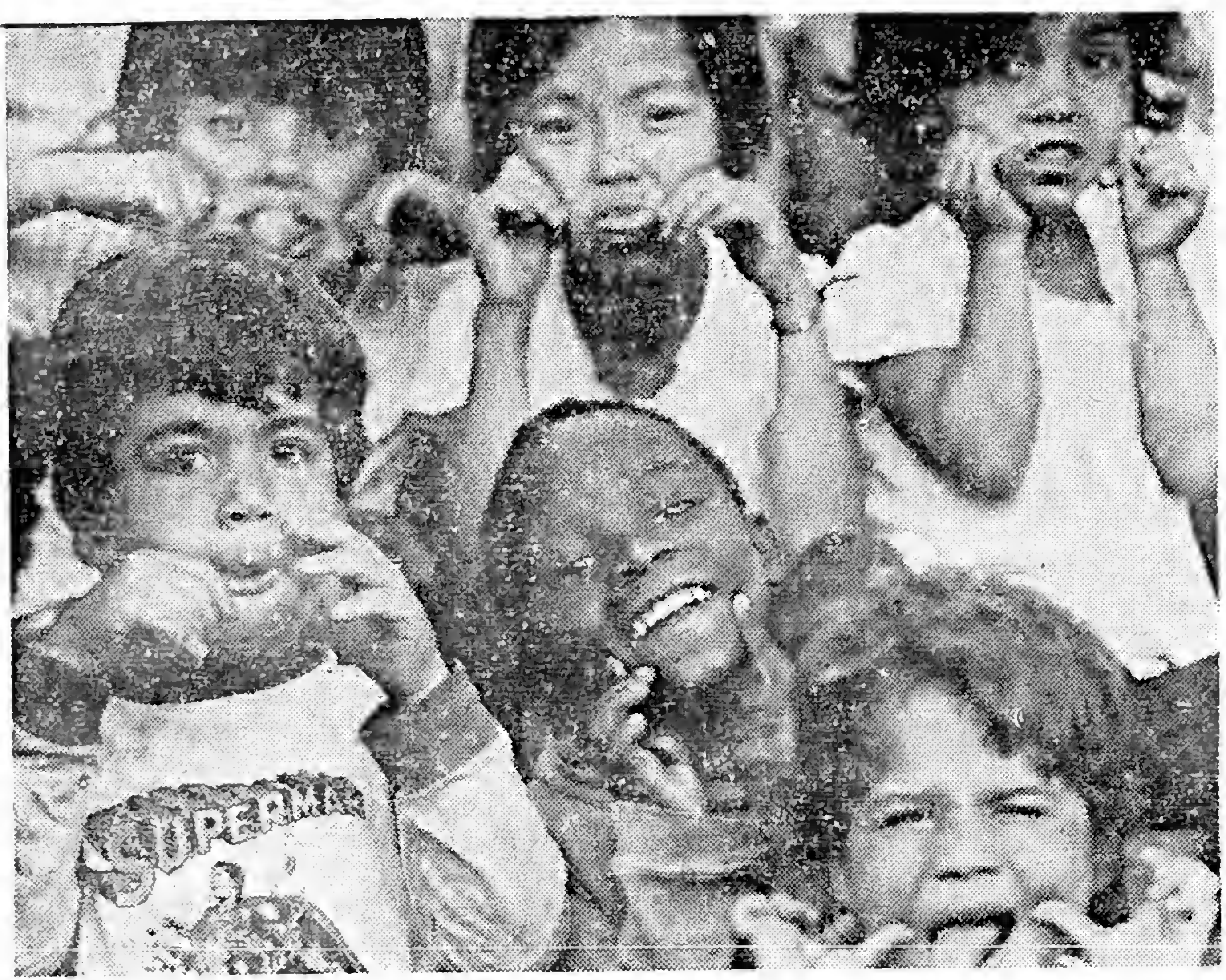
O plano prevê o recrutamento e seleção no local da mão-de-obra necessária, pois uma creche para 120 crianças, por exemplo, exige 30 funcionários, entre lactarista, administrador, pagem, auxiliar de enfermagem, cozinheira, lavadeira, pedagoga e nutricionista.

Temos o módulo técnico de funcionamento pronto, conclui Therezinha Fram, a proposição médica, pedagógica e psicológica, mas é preciso fazer os testes. Afinal, lembra ela, há problemas graves como a perda de peso das crianças, em todos os fins de semana, resultado da alimentação apenas com farinha e água contaminada que recebem em casa, no dia em que a creche não funciona. E isso é poderemos resolver educando a mãe, ampliando ainda mais o projeto.

Regiões – Regiões – Regiões –

P
30/11/2
6/12/79
pg 8

Ipiranga (sudeste)



Na Creche Baronesa de Limeira eles brincam muito, mas falta-lhes o carinho dos pais.

SETOR IMIGRANTES

Um Apelo: A Creche Baronesa de Limeira, situada no Planalto Paulista, à alameda dos Guaiós, 842, abriga 350 meninas, desde o nascimento até a idade de 12 anos. Elas realmente moram na Creche que é a seu lar. Dormem, camem, brincam, estudam. São cuidadas por médicos, dentistas, psicólogos, assistente social. Nada falta. Apenas o amor e o carinho dos pais... e isto é insubstituível. Para amenizar esta falta, contamos com a boa vontade de voluntárias que — na medida do possível — auxiliam, dando aulas de educação física, arte, jardinagem, jogos, etc. Você gostaria de ser uma dessas voluntárias?

Encontro de Colegiais:

Desta vez os participantes foram os alunos da Escola Estadual de 2.º Grau "Conde José Vicente de Azevedo". Participaram do encontro mais de

100 jovens, de 15 a 20 anos. Ouviram com interesse as palestras: "Eu e os Meios de Comunicação Social" e "Eu e Mundo" (abordando: sexo, droga, pílula), ambas proferidas por Irmã Dirce Carvalha, paulina. E "Eu e Deus" por frei Patrícia Sciadini, carmelita. O encontro teve lugar no Colégio Nossa Senhora do Rosário, no dia 28 de outubro. Já é o IV ENCONTRO DA AMIZADE".

SETOR VILA MARIANA

Amparo Maternal:

É a "CAMPANHA DO CARTÃO DE NATAL". Com a finalidade de diminuir os débitos desta instituição de caridade, as Igrejas receberam, através dos representantes do Setor, cartões de Natal em grande número. Comprar esses cartões é, pois, uma maneira discreta e prática de ajudar o Amparo Maternal. Você já comprou? Quantas vai comprar?

- Nº 5 - 20 nov - 7 dez 1979

"OVO" Jornal Livre e Aberto dos Funcionários do Banco Central - S.P

Os outros que têm Creche

de um mês, para ver concretamente pela creche, os funcionários em campo e verificam que várias mantêm creche não só e trabalho, mas também sob sistema de livre-escolha.

amento, as creches visitadas crer que a viabilidade da do benefício não está dissonância realidade. A proposta nários, de que o atendimento er até os 6 anos de idade, já é a concreta na maioria dessas

algumas informações sobre o ento dessas creches.

TAL DAS CLÍNICAS

reche-berçário:

ada no conjunto do próprio

m crianças de 0 a 3 anos de

rio de funcionamento é das 6 abrangendo o horário diversifunção funcionários.

cionamento, também, aos domingos e feriados, atendidas de plantão dos funcio-

mente gratuita, sendo toda a io e material (fraldas descart-) de fornecimento do Hospi-

nente atende a 208 crianças, inda uma lista de espera de as. Há um projeto de ampliação que esse número se eleve a

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**

colinha:

m instalada na área do Hospital em convênio com a Pre-

e crianças de 3 a 6 anos de do que 90% das vagas são para os filhos dos funcionários hospital.

rio de funcionamento é das 6 h., havendo flexibilidade no s filhos dos funcionários.

mentação é fornecida pelo

mento de "caixa escolar" — ao mês.

— o limite para cada período é de 250 crianças, sendo que os filhos dos funcionários entram na contagem de cada período, no caso de se utilizarem de tempo integral.

Caixa Econômica Federal
— creche própria, perto do local de trabalho. (R. Peixoto Gomide)

— funcionamento das 7,45h às 18,15h.

— atende crianças de 4 meses a 6 anos de idade.

— os funcionários contribuem mensalmente com a quantia de Cr\$...... 1.500,00.

— alimentação fornecida pela creche

— atualmente (começou a funcionar em 26.11.79) são atendidas 50 crianças, sendo a capacidade para 100.

— esta é a primeira unidade em pleno funcionamento, devendo ser abertas outras, para atendimento de todos.

BNH

— benefício creche é dado aos funcionários em regime de livre-escolha, funcionando desde 1972.

— para as crianças de 0 a 4 anos, o ressarcimento é de 5 1/2 UPCs (valor de 1 UPC 428,80).

— de 4 a 14 anos é dado auxílio-escolar anual de 70% do salário-mínimo.

CEESP

— benefício-creche existe há 12 anos.

— atende aos filhos de funcionários de idade variando de 0 a 6 anos.

— funciona no local de trabalho, a creche que atende à idade de 0 a 3 anos e dos 3 aos 6 anos, em sistema de convênio com creches particulares.

OBS: a limitação de vagas constitui-se um problema.

SECRETARIA DA FAZENDA

— creche própria instalada na Rua do Carmo.

— lá ficam os filhos de funcionários com idade de 0 a 4 anos.

— o benefício é integral aos funcionários, ou seja, totalmente gratuito.

— o horário de funcionamento é das 7,30 h às 18,45h.

Como já foi dito acima, as características de funcionamento dessas creches vêm corroborar os fundamentos da proposta feita pelos funcionários, se não

em todos os aspectos, pelo menos na maioria deles. A preocupação em entender o benefício até a idade de 6 anos é uma constante. Em algumas dessas creches os gastos para os funcionários são nulos, o que possibilita a todos, sem distinção de cargos, utilizarem-se do benefício. Isso acontece, por exemplo, no Hospital das Clínicas onde as crianças, independentemente dos pais serem serventes ou médicos, são educadas da mesma forma.

Deve-se ainda levar em consideração as características de cada creche, em função das necessidades dos funcionários de cada empresa, como é o caso da CEF que, após várias pesquisas, se concluiu que a melhor forma para eles era a creche próxima ao local de trabalho.

A NOSSA CRECHE EXIGE A PARTICIPAÇÃO DE TODOS

É importante atentar para o fato de este ser um levantamento inicial, sendo necessária a ampliação dessas informações. O projeto de se elaborar um caderno, a ser encaminhado ao Banco, onde serão abordados aspectos de desenvolvimento psicológico, social, pediátrico e pedagógico da criança, que vão fundamentar a proposta dos funcionários para que a creche atenda até aos 6 anos, está em fase final.

A complementação dessas informações é um trabalho dos próprios funcionários, que podem obter mais detalhes com o Grupo de Trabalho de Creche. Para tanto, está marcada uma próxima reunião para o dia 11.12.79 onde poderão se dar os encaminhamentos necessários.

PELO ENCONTRO NACIONAL

A luta pela creche é de todos. Nesse sentido não se restringe aos funcionários de S. Paulo. A proposta apresentada encontrou eco em outros departamentos, o que faz despontar a perspectiva de torná-la unificada — considerando as particularidades de cada cidade — no ENCONTRO NACIONAL DOS FUNCIONÁRIOS.

Na Califórnia, mês passado, fui ao escritório de um produtor de televisão que se orgulha de ser um "patrão que dá oportunidades iguais". Sua nova "assistente executiva" estava à minha espera. Queria falar comigo a sós, antes de seu chefe entrar. Bonita, no final da faixa dos 20 ou começo da dos 30 anos, "vestida para o êxito" como um modelo no mais recente anúncio da Vogue, não era apenas uma secretária glorificada com um título pomposo num cargo inútil: a mulher que substituíra acabara de ser promovida para o lugar de "vice-presidente de criação".

"Sei que tenho sorte por ter este emprego", disse ela. "Mas vocês, que lutaram por essas coisas, tinham suas famílias. Tinham, seus maridos e filhos. O que deveríamos fazer?"

Queixou-se de que a mulher mais velha, a vice-presidente, uma feminista radical no começo, que jurara nunca se casar ou ter filhos, não compreendia suas dúvidas. "Tudo o que ela quer", disse a assistente executiva, "é mais poder na empresa..."

Uma jovem, cursando o terceiro ano da Faculdade de Medicina em Harvard, disse-me: "Vou ser cirurgiã. Nunca serei uma dona-de-casa escrava, como minha mãe. Gostaria de me casar e ter filhos, creio. Dizem que podemos ter tudo. Mas como? Trabalho 36 horas no hospital, com 12 horas de folga. Como posso ter um relacionamento, e muito menos filhos, com um horário assim? Não tenho certeza de que possa ser uma supermulher."

Em Nova York, uma mulher na faixa dos 30, que acabara de ser promovida, disse-me: "Estou lutando contra o tempo, poderia dizer. Se não tiver um filho agora, será tarde demais. Mas é uma escolha angustiante. Estive sustentando meu marido enquanto ele consegue seu diploma de médico. Não sabemos que tipo de emprego ele vai poder arranjar. Em minha empresa, não há pagamento quando se tira licença para ter um filho. Não garantem que possamos ter o emprego de volta. Se não tiver um filho, terei perdido alguma coisa na vida? Estarei realmente realizada como mulher?"

Uma mulher mais velha, em Ohio, reflete: "Fui a primeira gerente aqui. Dei tudo o que tinha ao trabalho. Era excitante no começo, entrando onde nunca haviam entrado mulheres antes. Agora, é apenas um trabalho. Mas o pior de tudo é a devastadora solidão. Não suporto voltar para este apartamento sozinha todas as noites. Gostaria de ter uma casa, talvez um jardim. Talvez devesse ter tido um filho, mesmo sem um pai. Ao menos, teria tido uma família. Deve existir uma maneira melhor de viver. Uma mulher sozinha..."



Feminismo com homem



A mais nova reivindicação feminista: uma família.

Por Betty Friedan, extraído do N.Y. Times Magazine.

Com a mesma mistura de choque e alívio com que se iniciou o movimento das mulheres, na década de 1960, as feministas da década de 1970 estão-se dirigindo a uma nova fronteira: a família. É uma outra virada na história, creio eu, com a convocação de uma Assembléia Nacional sobre o Futuro da Família.

Não é novidade o fato das mulheres se preocuparem com a família. Mas as feministas não se deveriam estar libertando da família? O movimento feminino não deveria estar tentando destruir a família com a Emenda da Igualdade de Direitos? E a família, afinal, não é o último baluarte do conservantismo? O movimento feminino está cedendo, então, às forças da reação, retirando-se para a família? Ou o feminismo está entrando realmente numa nova fase?

Dez anos depois, apesar de o movimento feminino mudar toda nossa vida e nossas filhas aceitarem como natural sua personalidade e igualdade, estamos percebendo que não é tão fácil viver com — ou sem — homens e filhos apenas na base daquela primeira agenda feminista. O grande desafio que enfrentamos na década de 1980 é criar uma nova agenda, em que seja possível para as mulheres trabalhar e amar em termos de igualdade com os homens — e escolher, se quiserem, ter filhos. Pois as opções da década de 1970 não são tão simples como pareciam. Na verdade, algumas das escolhas que as mulheres deveriam ter conseguido até agora não são escolhas reais. E até mesmo o grau de igualdade já conseguido não é garantido, enquanto não enfrentarmos estes conflitos imprevistos entre as exigências do trabalho e do êxito profissional, de um lado, e as exigências da família, do outro. Esses conflitos parecem insolúveis devido à maneira como a família e o trabalho foram estruturados na América.

A segunda agenda feminista, a agenda para a década de 80, deve exigir a reestruturação das instituições no lar e no trabalho. Mas, enfrentar a família americana como é hoje — em lugar de defender ou atacar histericamente a família que já não existe, "a clássica família de nostalgia ocidental", como a chama o sociólogo William J. Goode, de Stanford —, significa destruir uma imagem que ainda é sagrada para a Igreja e para o Estado, para os políticos da esquerda e da direita. E dissipar a mística da família, para muitos, talvez seja ainda mais ameaçador do que desmascarar a mística feminina foi há uma década.

Por exemplo, uma Conferência da Casa Branca sobre as Famílias deveria ter sido realizada este ano. Mas foi cancelada, por ser "controvertida" demais, quando os peritos reunidos para planejá-la começaram a enfrentar os fatos sobre as famílias americanas de hoje. A confusão começou quando os padres católicos participantes descobriram que a eminente mulher negra que estava coordenando a conferência era divorciada e estava criando os filhos sozinha. E quando foi revelado que menos de 7 por cento dos americanos ainda vivem o tipo de sistema familiar apregoado pelos políticos — papai-ganha-pão, mãe-dona-de-casa, dois filhos mais um cão e um gato — a Casa Branca resolveu suspender a coisa toda.

Segundo estatísticas do governo, apenas 17% das famílias americanas têm um pai que é o único a ganhar salários, uma mãe que é dona-de-casa tempo integral e um ou mais filhos. (E um estudo verificou que um terço de todas essas donas-de-casa tempo integral estavam planejando procurar emprego.)

Vinte e oito por cento das famílias americanas são formadas de pai e mãe que ganham salários, com um ou mais filhos morando na casa.

32,4% das famílias americanas são formadas de casais sem filhos ou sem filhos morando em casa.

6,6% das famílias americanas são chefiadas por mulheres sem marido, com um ou mais filhos morando em casa.

0,7% são chefiadas por homens sem mulher, com um ou mais filhos morando em casa.

3,1% são formadas por pessoas não aparentadas morando juntas.

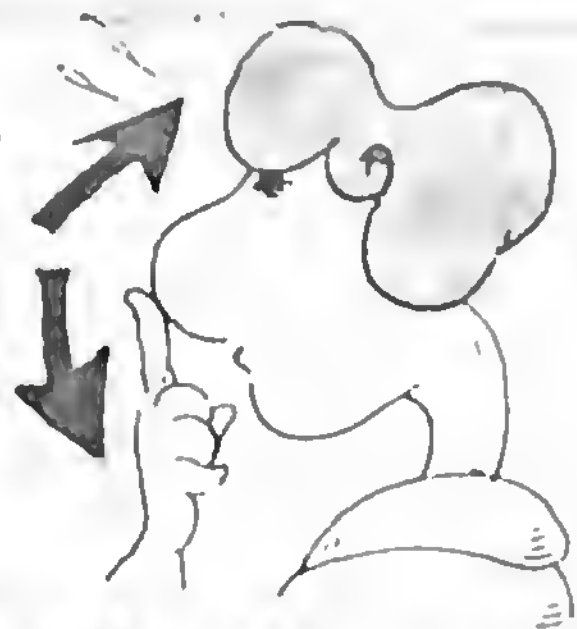
5,3% são chefiadas por um só dos pais e incluem parentes que não são cônjuges e filhos.

22% das famílias americanas são formadas por uma pessoa morando sozinha (um terço, mulheres com mais de 65 anos).

Muriel Fox, presidente do Fundo de Educação e Defesa Legal do NOW, declarou aos líderes da discussão da Assembléia Familiar: "Nossa Assembléia aceitará — em lugar de

negar — o fato de que 93% das famílias americanas hoje oferecem padrões diferentes do tradicional de um pai ganha-pão, uma mãe dona-de-casa e dois ou mais filhos dependentes. Aceitaremos a inevitabilidade de constantes mudanças futuras no relacionamento e papel de homens, mulheres e filhos nas famílias. E procuraremos novas soluções para as condições que são causa e efeito dessas mudanças."

"O futuro da família é uma questão feminista dominante."



O direito de escolher

Quando as feministas proclamaram "o direito a escolher", há uma década, tinham em mente o direito da mulher decidir se e quando ter um filho e controlar seu processo reprodutivo — um direito mais básico, como determinou o Supremo Tribunal, do que muitos dos definidos pelo Decreto de Direitos pelo e para os homens. Ultimamente, feministas defensoras do "direito de escolher" estão travando uma luta desesperada contra o "direito de viver" ou forças "pró-família" que políticos, do presidente Carter para baixo, têm tentado tranquilizar, cortando fundos do fundo médico para mulheres pobres que precisam fazer abortos.

Mas o que está começando a me preocupar ainda mais, hoje, são os conflitos das mulheres quando chegam aos 30 ou 35 anos e não podem resolver ter um filho. Não invejo mulheres jovens que estão enfrentando ou rejeitando essa escolha angustiante que ganhamos para elas. Porque não é realmente uma escolha livre, quando seu ordenado é necessário para pagar as contas da família todos os meses, quando as mulheres têm de depender de seus empregos e profissões para obter a segurança e a posição que suas mães outrora encontravam no casamento apenas, e quando essas profissões não são estruturadas para pessoas que põem filhos no mundo e assumem a responsabilidade de criá-los.

Meu próprio feminismo começou como indignação diante da escolha que a mística feminista impunha à minha geração. Fui despedida de meu emprego de repórter quando fiquei grávida. Quase todas nós nos deixamos atrair pela tentação de desistir de nossas carreiras a fim de nos dedicarmos à maternidade, e não é fácil reiniciá-las. Dissemos a nossas filhas que podiam — e deviam — ter isso tudo. Por que não? Afinal, os homens têm. Mas as "supermulheres" que estão tentando "ter tudo", combinando carreiras em tempo integral e maternidade "nas horas vagas", estão suportando uma pressão tão implacável que suas irmãs mais jovens talvez nem ousem pensar em ter filhos.

As muitas mulheres que enfrentam o conflito entre carreira e filhos não podem ser consideradas vítimas das expectativas de suas mães, da mística feminista. A maternidade, o profundo impulso humano de ter filhos, é mais do que uma mística. Ao mesmo tempo, mais mulheres do que nunca trabalham não apenas porque querem "se encontrar" e garantir sua independência, mas porque precisam. São solteiras e responsáveis por seu sustento, divorciadas e com frequência responsáveis também pelo sustento dos filhos, ou casadas e ainda responsáveis em parte pelo sustento da família, porque um salário não é suficiente nesta era de inflação. Ao todo, 43% de mulheres americanas com filhos com menos de seis anos estão trabalhando e, até 1990, calcula-se que 64% estarão trabalhando — só uma em cada três mães, aproximadamente, será dona-de-casa apenas.

Parece-me evidente que nunca conseguiremos mudanças no local de trabalho, tão necessárias para o bem-estar dos filhos e da família, se seus únicos defensores e beneficiários forem as mulheres. A necessidade dessas inovações torna-se urgente na medida em que

um número cada vez maior de mães entra no local de trabalho mas só serão postas em prática porque um número cada vez maior de pais também as exigem.



Os donos-de-casa

E os homens estão começando a exigí-las desde já. Afinal, estão sujeitos às mesmas pressões sofridas por um número cada vez maior de mulheres.

Um veterano do Vietnã, demitido inesperadamente durante a crise de energia pela companhia aérea em que julgava ter uma carreira para toda a vida, disse-me: "Não há segurança num emprego. O dólar já não vale o suficiente para viver. Vou trabalhar três dias por semana na fábrica de caldeiras e minha mulher voltará a ser enfermeira à noite e, entre nós, sustentaremos as crianças. Estamos nos mudando para onde possamos plantar nosso próprio alimento e ter um certo controle sobre nossas vidas. Mas, e se minha mulher for demitida?"

"Pensei seriamente em suicidar-me", disse um homem de St. Louis forçado a aposentar-se com 50 anos, quando a empresa que cheflava foi tomada por um grande conglomerado. "Guardei os comprimidos de arsênico que tomava para o coração. Como poderia viver sem a empresa para dirigir, meu escritório, meu "staff", 600 empregados, os negócios? Mas comecei a perceber o quanto daquilo tudo eu detestava: a preocupação constante, levantando-me às seis da manhã para ouvir os relatórios de seis vice-presidentes, combatendo o sindicato para manter os salários baixos, sendo odiado e tendo de adular pessoas desprezíveis para conseguir clientes. A única coisa boa era saber que conseguira chegar a presidente da empresa, quando meu pai nunca passou de escriturário. Agora quero trabalhar para mim mesmo, quero viver, desfrutar o nascer do sol e plantar begônias. Mas meus filhos já se foram e minha mulher iniciou sua carreira tarde e tudo o que quer é progredir na agência. É incrível, de certa forma o que nos reserva o futuro..."

Um homem mais jovem, em Rhode Island, deixou seu emprego num banco para tomar conta da casa e dos filhos e pintar quadros, enquanto sua mulher, cansada de ser dona-de-casa, ficou feliz em conseguir um emprego no mesmo banco. "Acho que vamos ver uma grande onda de homens pedindo demissão", disse-me ele. "Durante anos, temos ouvido a pergunta: o que significa ser mulher? Como pode ela se realizar?". Mas o que significa ser homem? Como pode ela se realizar mas o que significa ser homem? O que temos a não ser nossos empregos? Ela que sustenta a família por algum tempo e enquanto isso eu tento-me encontrar..."

Na medida em que nos aproximamos da década de 1980, torna-se mais evidente que o movimento feminista foi apenas o início de algo muito mais importante do que algumas mulheres conseguindo bons empregos (masculinos). Paradoxalmente, na medida em que mais mulheres trabalham e ajudam a ganhar o pão, os laços e valores de sua família — valores humanos em comparação com os materiais — parecem ficar mais fortes. As fatigadas mães que trabalham e seus maridos, do estudo de famílias feito pela dra. Kamerman, dão mais importância e confiam mais nesses laços, não só entre si e seus filhos, mas entre seus próprios pais e outros parentes, do que famílias comparáveis conformadas com a imagem tradicional da dona-de-casa ganha-pão. A crescente tendência dos jovens a rejeitar transferências nas empresas e a acentuar mais sua auto-realização e "tempo com a família" do que "progredir" tem sido divulgada por Yankelevick, Gall Sheehy no Esquire e até mesmo na revista Playboy.

Quando a mulher também está ganhando dinheiro e sua identidade e padrão de vida não dependem inteiramente do salário do marido, este é algo mais do que apenas um homem de empresa. Esse homem tem mais liberdade e

oportunidade para desenvolver valores humanos e compartilhar da realidade e da responsabilidade de ser pai. O Wall Street Journal informa que, de 300 executivos recentemente transferidos, estudados por uma firma de consultoria administrativa de Chicago, "a grande maioria declarou que sua consideração mais importante não era o emprego em si, mas conseguir o consentimento da família".

Um dos mais notáveis resultados do movimento feminino foi a nova vitalidade e crescimento sem precedentes experimentados por milhões de mulheres que superaram a deterioração, a depressão e o desespero que costumavam ser considerados sintomas "normais" do envelhecimento feminino.

Há 20 anos, a saúde mental e o bem-estar geral das mulheres eram muito piores do que os dos homens, nas faixas etárias depois dos 20 anos. Hoje, entretanto, uma repetição do famoso Estudo de Manhattan mostra que as mulheres já não se deterioram na meia idade. Na verdade, mulheres com 40 a 50 anos são tão saudáveis como quando tinham 20 e 30 e muito mais saudáveis do que as mulheres de meia idade eram há 20 anos. Mas essa melhoria não foi notada pelos homens. Os cientistas que realizaram esses estudos suspeitam que um fator crucial foi o movimento feminino. Parece ter sido uma fonte de juventude para as mulheres que conseguiram nova dignidade e puseram em prática novas energias e novos talentos, dirigindo a agressão para fora, até mesmo quando os obstáculos têm sido difíceis, em lugar de para dentro, contra seus corpos, como costumavam fazer as mulheres desesperadas depois de seu apogeu no casamento e na maternidade.

A discrepância sempre maior entre a expectativa de vida masculina e feminina — agora cerca de 77 anos para as mulheres, 69 para os homens — exige que os homens rompam com seus papéis convencionais de sexo, assim como fizeram tantas mulheres. Alguns homens já estão fazendo isso e a crescente consciência das crises de meia idade dos homens pode ser um prenúncio de outras mudanças. Além disso, a discrepância deveria alertar as mulheres sobre os perigos de adotar com demasiada intensidade o carreirismo obsessivo, que fez tantos homens morrerem prematuramente de ataques cardíacos e colapsos provocados por tensão.

Infelizmente, segundo o dr. Alexander Leaf, chefe dos Serviços Médicos no Hospital Geral de Massachusetts, mais mulheres jovens do que nunca estão sendo internadas com ataques cardíacos, embora não haja até agora dados estatísticos sólidos em escala nacional. E os cancerologistas têm notado ultimamente que, na medida em que mais homens jovens param de fumar, mais mulheres jovens estão começando. Uma repetição de uma pesquisa maciça de saúde mental, originalmente realizada há 15 anos pelo Centro Nacional de Estatísticas de Saúde, mostra que hoje mais mulheres na faixa etária dos 20 e dos 30 estão sofrendo os efeitos da tensão.



Revolução doméstica

Os jovens da "contra-cultura" das décadas de 1960 e 1970 revoltavam-se contra as grandes pressões para dedicar toda sua vida a carreiras lucrativas — assim como as mulheres no movimento feminista se revoltaram contra as grandes pressões para dedicarem toda sua vida a maridos e filhos, renunciando ao progresso pessoal. Mas substituir metade de um pão pela outra metade não é uma melhoria. Porquê as mulheres deveriam simplesmente substituir a glorificação da domesticidade pela glorificação do trabalho como sua vida e identidade? Apenas reverter os papéis de ganha-pão e dona-de-casa não é nenhum progresso, nem para as mulheres nem para os homens. O desafio da década de 1980 será transcender essas polaridades, criando novos padrões familiares baseados em igualdade e identidade humana total para ambos os sexos.

Finalmente, a disposição do movimento feminino moderno a enfrentar os problemas práticos da família tem uma inestimável significação histórica. Revendo a história do movimento feminista original e a razão pela qual deixou de alterar a vida da maior parte das mulheres americanas, o historiador William O'Neill, em seu livro "Todos Foram Corajosos", concluiu que a raiz do problema era a relutância do movimento a enfrentar os problemas da família. A maior parte das primeiras feministas americanas eram jovens solteiras, contrárias ao casamento e à família, ou profissionais casadas que não tinham filhos ou preferiam concentrar-se em questões mais elevadas, como o voto. Supunham que conseguir o direito ao voto resultaria automaticamente em igualdade e purificaria a sociedade. No entanto, escreveu O'Neill, como as massas de mulheres americanas eram casadas ou queriam casar-se, a única maneira de conseguir a igualdade entre os sexos era através de uma "revolução na vida doméstica", reconciliando as exigências da família e da carreira — uma revolução que as primeiras feministas nunca tentaram — razão pela qual perderam o entusiasmo depois de conseguirem o direito ao voto em 1920.

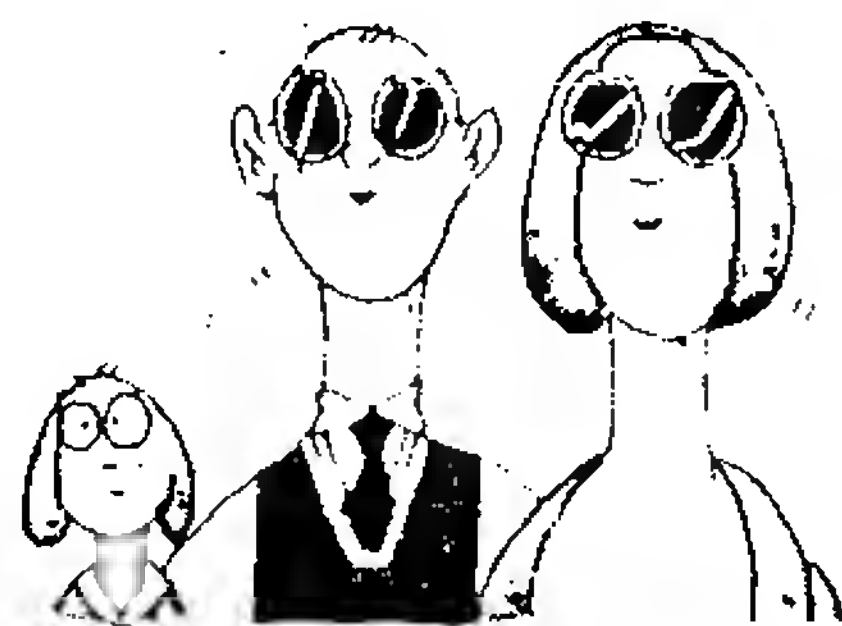
Há alguns anos, parecia que o mesmo poderia voltar a acontecer. A imagem popular (e impopular) da feminista moderna era a de uma "supermulher" de carreira, decidida a vencer os homens em seu próprio jogo, bradando contra o casamento, a maternidade, a intimidade sexual com os homens e qualquer e cada um dos traços que no passado agradavam ou atraíam os homens.

Parece-me que podemos confiar nas feministas — ou em quaisquer outros "istas" — só quando falam a partir da verdade pessoal em toda sua complexidade. Essa verdade nunca é preta ou branca. A imagem da "libertação feminina" em oposição à família foi incentivada por mulheres que reagiam violentamente contra suas famílias e identidades. Sua cólera era real, mas sua retórica negava outros elementos de sua verdade pessoal.

Quando os extremistas — tanto feministas como antifeministas — acentuam o mito de que igualdade significa morte para a família, outras mulheres encontram dificuldade para imaginar quais são suas verdadeiras opções — e seus sentimentos reais. Portanto, Phyllis Schlafly e Marabel Morgan ganham muito dinheiro seguindo suas carreiras, excursionando pelo país para ensinar às mulheres que não precisam de direitos iguais, apenas maridos para sustentá-las — que supostamente deixarão de fazer quando for aprovada a Emenda dos Direitos Iguais. Mas a realidade subjacente não é diferente para as feministas mais intransigentes e mais estridentemente defensoras da família. Nenhuma de nós pode depender durante toda nossa longa nova vida daquela "família de nostalgia Ocidental" para satisfazer nossas necessidades de proteção e apoio, mas todas nós ainda temos essas necessidades. A resposta não é negá-las, mas admitir e reforçar novas formas familiares que nos possam sustentar agora.

Minha preocupação pessoal para a década de 80 é a possibilidade e a necessidade de novos padrões de intimidade e crescimento, amor e trabalho no terço da vida que a maior parte das mulheres — mas não ainda a maior parte dos homens — pode agora esperar desfrutar depois dos 50 anos. Que programas sociais e inovações institucionais nos permitirão desfrutar mais facilmente de vidas intensas, integrantes, depois dos filhos, de fazer nossas escolhas profissionais e pessoais, recebendo e dando apoio familiar mútuo e a nossos filhos? Na medida em que nossa população se torna proporcionalmente mais velha, a revolução social predominante da década de 80 quase certamente será feita por homens e mulheres neste novo terço de vida. Porque seremos nós, exigindo nossa própria voz e participação na sociedade, em lugar da redução de oportunidades, baixa posição, discriminação desumanizante e papéis passivos como pacientes que hoje nossa sociedade impõe aos que estão envelhecendo.

Por exemplo, a Assembléia pediu a arquitetos que apresentem novos tipos de habitações comunitárias para pessoas que moram sozinhas e para casais mais idosos, que perambulam dentro de casas com correntes de ar e grandes demais para manter depois que os filhos se foram — habitações que forneçam a todos um espaço vital íntimo, mas também ofereçam novos tipos de espaço compartilhado para comer, divertir-se e realizar tarefas. Há também propostas para o mesmo tipo de financiamento de hipotecas, hoje só disponíveis para famílias jovens, e para empréstimos destinados a reeducação, como o Decreto G. I., para o novo terço de vida depois dos 50.



A nova família

Para alguns, pode parecer estranho que uma feminista como eu esteja argumentando com tanto entusiasmo sobre a importância da família. Esses argumentos foram até eliminados por algumas feministas radicais como "chauvinismo familiar reacionário". Mas talvez seja muito bom que a família, que sempre foi considerada o baluarte do conservantismo, já esteja, de certa forma, sendo transformada pela igualdade feminina em uma força política progressista. Pois, quando os homens começarem a atribuir uma prioridade maior a suas famílias e auto-realização; e as mulheres, uma prioridade maior à independência e participação ativa no "mundo masculino", o que acontecerá com a supremacia do sistema burocrático, empresarial?

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: JORNAL DA TARDE

Data 08 / 12 / 1979

Pág. 3

Pasta n.º

N.º do recorte 0488-2

O capitalismo americano pode acomodar uma família americana reforçada e em evolução? Por que não? Não obstante a retórica, a família nunca teve grande prioridade na agenda política e econômica americana, a não ser como uma unidade para a qual vender mercadorias. O negócio da América, como todos sabem, é o negócio e até recentemente tem sido o negócio dos homens. Agora que as mulheres estão começando a ter voz ativa na economia e na política, a agenda da nação poderá começar a incluir realmente a família. Não apenas porque as mulheres insistem — elas não têm ainda tanto poder —, mas porque os homens têm uma outra coisa em jogo na família. A nova participação na família e a inveja que muitos homens estão começando a expressar agora da libertação feminina indica que a família, em lugar de ser território inimigo para as feministas, é realmente a resistência por meio da qual atingem a vida de cada homem. O novo impulso, tanto de mulheres como de homens, para um significado em seu trabalho e em sua vida, por amor, raízes e família — embora possa não se parecer com a família ideal, que talvez nunca tenha existido —, é uma poderosa força de mudança.

Não estou nem sequer inteiramente certa de que o movimento feminino como tal será o principal agente deste novo estágio da libertação humana. Mas se não quisermos recuar — com mulheres e homens recolhendo-se em desilusão cansada e solitária — temos, de alguma forma, de dar essa nova virada em direção à família do futuro. As mulheres agora têm de enfrentar novamente suas próprias necessidades de amor, conforto e proteção, bem como as necessidades dos filhos e dos homens para os quais, acredito, não podemos fugir das responsabilidades humanas.

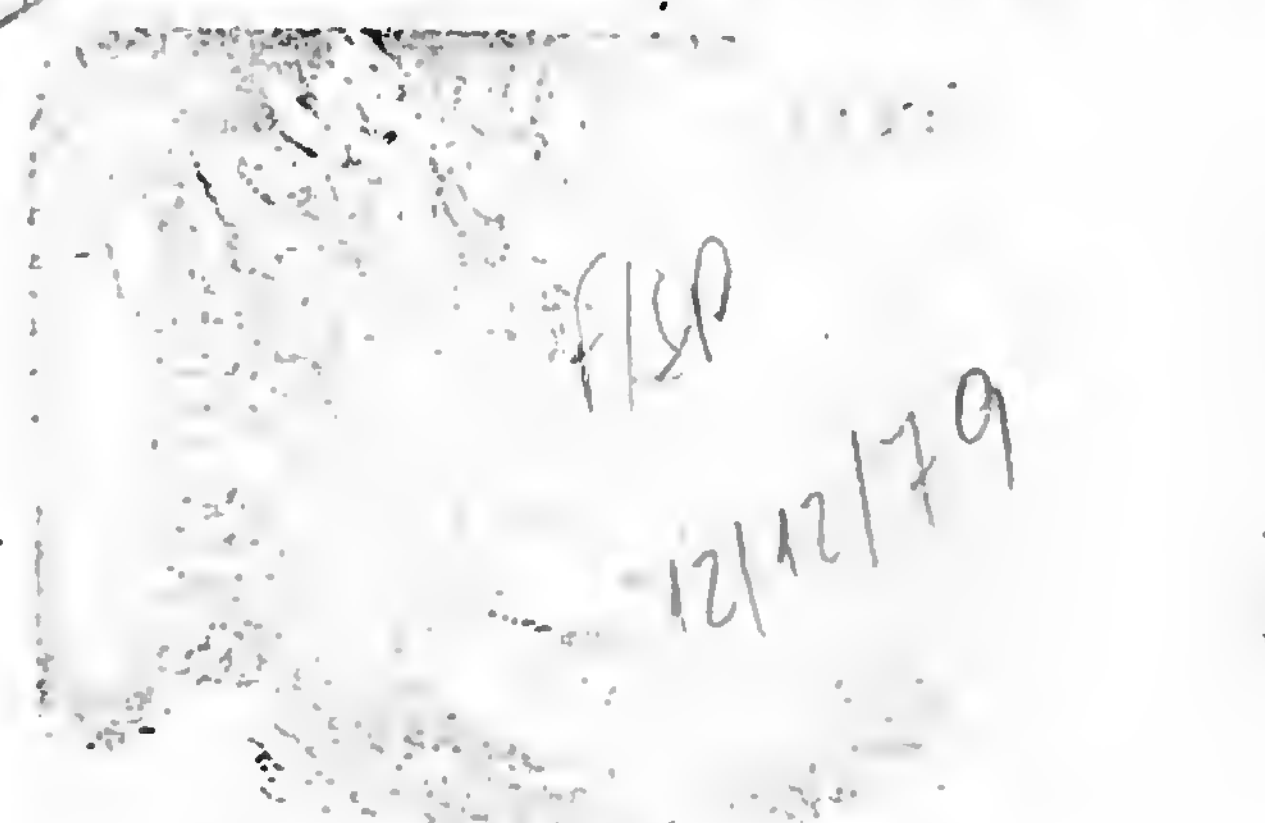
Arte na luta por mais creches

O "Movimento de Luta por Creches" começa a se vincular também com as manifestações artísticas. Hoje, às 21 horas, a Ars Mobile promove uma exposição de seu acervo de 14 anos de atividades, com gravuras e desenhos de Lívio Abramo, Marcelo Grassmann, Mário Gruber, Renina Katz, Edith Bering, Hans Grudzinsky, Anna Bella Geiger, Maria Bonomi, Ely Bueno, Anna Letycias entre outros artistas. Yara Cohen, responsável por esse acervo, dos mais antigos da gravura brasileira, se propôs a reverter 50% do lucro obtido na mostra, para auxiliar o movimento para a criação de creches, e está lançando uma campanha mais ampla, que visa conscientizar artistas plásticos para contribuírem em movimentos sociais dessa natureza.

"A gravura sofreu uma grande desvalorização esses anos" -- explica Yara Cohen, iniciadora do movimento de gravuras no Brasil. "Paralelamente, o mercado foi invadido por litografias e serigrafias de preço mais acessível que o da gravura, tentando desvalorizá-la. Mas isso não aconteceu. Pelo contrário, a boa gravura está ainda mais valorizada e goza de uma posição privilegiada por não sofrer falsificações, o que ocorre com grandes pintores brasileiros. A partir daí, estou propondo aos artistas que separem parte dessa valorização constante da gravura, para o Movimento de Luta por Creches".

Como mãe de dois filhos e tendo de se dividir entre o trabalho em casa e fora, Yara Cohen já sentiu a importância social da creche. Empenhada em contribuir com mães das zonas leste, oeste, norte, sul e centro, todas unidas e reivindicando desde o cumprimento das leis existentes até a criação de leis mais eficientes, além de creches em locais próximos às suas casas e locais de trabalho, Yara resolveu contribuir com seu trabalho para o movimento de creches.

— Como o artista é o exemplo de pessoa que trabalha desinteressadamente, por amor ao seu trabalho, e desde que ele possa abrir mão de parte do que consegue



Movimento conta com obras de Grassman

com a venda de seus trabalhos, resolveu pedir sua ajuda para as creches.

Os 14 anos de trabalho com gravura permitiram que Yara criasse um acervo dos mais significativos. De hoje até o dia 22 de dezembro, das 9 às 22 horas, ela estará vendendo na al. Kibicirã, Preto, 548, obras cujos preços variam de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 20 mil. Entre os trabalhos mais antigos, ela cita gravuras de Maria Bonomi de 1958, de Lívio Abramo de 1947 e 1948, a série de trabalhos de Tomi Otake datada de 1970, gravuras raras de Hans Grudzinsky que nem o próprio artista possui ou serigrafias de Renina Katz quando ela se iniciou nessa arte.

Yara Cohen também está lançando a "Moldu Mobile", moldura pronta para pequenos desenhos infantis ou outros trabalhos, que será vendida a Cr\$ 300,00 o par. A moldura em material acrílico mede 20cm por 25cm, e é resultado de uma técnica que a própria Ars Mobile desenvolveu nesses anos, com a abertura do mercado de arte para a gravura.

— Quando começamos a vender gravuras em 1966, as pessoas se interessavam pela moldura, já que havia dificuldade em encontrar moldureiros especializados. Quando por volta de 1969, vender gravura foi assim como vender uma receita de bolo que deu certo, ganhamos uma máquina que facilitava confecção de uma moldura. Com ela aqui na galeria, achamos que teria muita utilidade se fizéssemos pequenas molduras para as crianças guardarem seus trabalhos.

as mulheres fazendo política

Mulheres que participam dos movimentos contra a carestia, por creches e das associações de bairros; a deputada Irma Passoni a vereadora de São Bernardo, Ivonne Soares; encontraram-se domingo dia 21 em São Bernardo para discutir a participação política da mulher, sua importância e suas dificuldades.

Por que as mulheres não participam da vida política? A resposta mais freqüente foi a de que é necessário conscientizar. As mulheres apontaram "o egoísmo", "a acomodação", "o medo", a sobrecarga de trabalho e muitas vezes a dificuldade de fazer os maridos aceitarem que elas saiam de casa.

Mas, segundo elas, "depois que entra na cabeça da gente que é importante fazer isto, a gente deixa o marido, deixa a casa suja e sai pra rua".

As mulheres no encontro de São Bernardo mais uma vez denunciaram a escandalosa inexistência de creches públicas. O Estado pretende construir uma nova capital, organiza corais monstros, mas dinheiro pra creche não há.

A vereadora Ivone Soares propôs a criação de um Fundo de creche com a participação das prefeituras, do Estado e do governo Federal, mais o financiamento das empresas para criar creches nos bairros cogeridas pela comunidade.

Mas o problema das creches vai mais longe. No próprio encontro não havia creche e as crianças ficaram fechadas no anfiteatro ou em salas enquanto as mães constantemente solicitadas pelos filhos não conseguiam participar tranquilamente.

Será que os pais não podiam ter ficado com os filhos no domingo? Será que é tão caro organizar uma



creche para os bebês e atividades para os mais velhos nas amplas instalações da prefeitura de São Bernardo. Boa vontade não é suficiente. As mulheres precisam começar convencendo os maridos, a sociedade, os partidos, os militantes políticos de que elas não têm como única função social cuidar de seus filhos. É o conjunto da sociedade, quer dizer, cada um de nós, e não apenas um Estado distante, que temos que criar o espaço das crianças e obrigar esse Estado distante, que não é nosso, reconhecer nossa luta.

Houve tempo para falar de creches e também para contar. As mulheres esquecidas se viram nos "slides"

apresentados e por alguns momentos sentiram que não estão sozinhas.

Uma pergunta no entanto ficou no ar: "Por que a corda rebenta mais pro lado das mulheres?" Por que só elas cuidam dos filhos, porque trabalham fora e em casa também fazem tudo, por que são discriminadas nos trabalhos, porque não tem acesso aos cursos de profissionalização, por que sua sexualidade é ignorada, não conhecem os métodos contraceptivos e quando querem fazer aborto, último recurso que lhes resta, são tratadas como criminosas por essa mesma sociedade e esse mesmo estado que lhes negam condições humanas de vida.

(Elizabeth Lobo)



Essa pesquisa tinha por objetivo conhecer melhor os problemas vividos pelo povo. A idéia nasceu em dois grupos de pessoas; um se reunia na paróquia; outro na Baixada. Os dois queriam saber quais os problemas que o povo do Itaim (Zona Leste) sofre hoje. O pensamento dos dois grupos era o de que é um, nem dois, quem vai resolver os problemas, como também nem vão ser as autoridades sentadas nos escritórios da cidade.

Quem vai resolver é o povo, unido em busca de seus direitos. Aliás, o certo é que no bairro, a para se libertar dos problemas começou faz muito tempo. Teve a luta do lixão na baixada do Itaim. Teve a luta por água no Jardim Romano.

Vamos voltar à pesquisa. Foram ouvidas mais de 400 pessoas. Será que o resultado que a gente chegou só vale para essas pessoas? De cada lugar do Itaim se procurou ouvir algumas pessoas. Então, falar direito, esse resultado diz a verdade de quase todo o povo.

Eram 9 questões sobre os problemas do povo. Foi feita uma reunião com todo mundo que queria fazer a pesquisa nas casas. Foi feito um teatro que mostrava uma pesquisa bem feita e outra mal feita, e tra com coisa certa e coisa errada junta. A pesquisa foi feita em dupla: cada pessoa fazia, com seu parceiro, as visitas nas casas de seu bairro. Por mais de 3 meses as duplas de pesquisadoras andaram pelos bairros do Itaim. Fizeram 449 visitas nas casas. Depois disso, todo mundo que fez a pesquisa, se reuniu novo. Foi nessa reunião que se decidiu fazer este caderno. Destaque esta página e a divulgue.

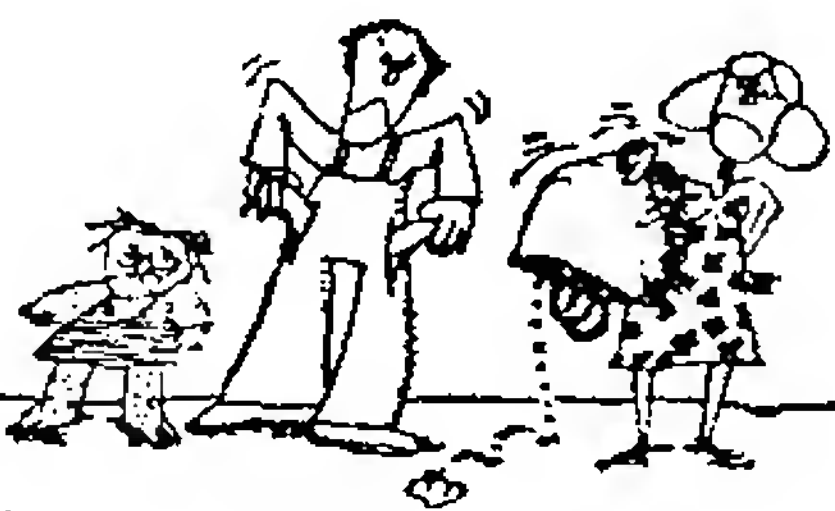
Problemas Gerais:

①

Problemas das Famílias

Os maiores são:

- SALÁRIOS BAIXOS
- CUSTO DE VIDA ALTO DE MAIS
- OUTRO PROBLEMA É O DA DOENÇA



Problemas das mães

Muitas mães trabalham fora de casa. Muitas outras precisam, mas não podem trabalhar fora.

UM PROBLEMA DE TODAS É NÃO TER ONDE DEIXAR AS CRIANÇAS.



Problemas dos Bairros

Os três maiores são:

- FALTA DE ESGOTO
- FALTA DE LUZ
- AS LAGOAS



Problemas por Partes:

②

Problemas das Famílias

Das 449 pessoas que responderam à pesquisa...

263 falaram do CUSTO DE VIDA SALÁRIO BAIXO e FALTA DE DINHEIRO



41 falaram de DOENÇA NA FAMÍLIA

TOMA ESTE CHÁ, QUE O DINHEIRO NÃO DA PRA O REMÉDIO



145 falaram de OUTROS PROBLEMAS



QUAL SERIA A CAUSA DE TODOS ESSES PROBLEMAS? ③

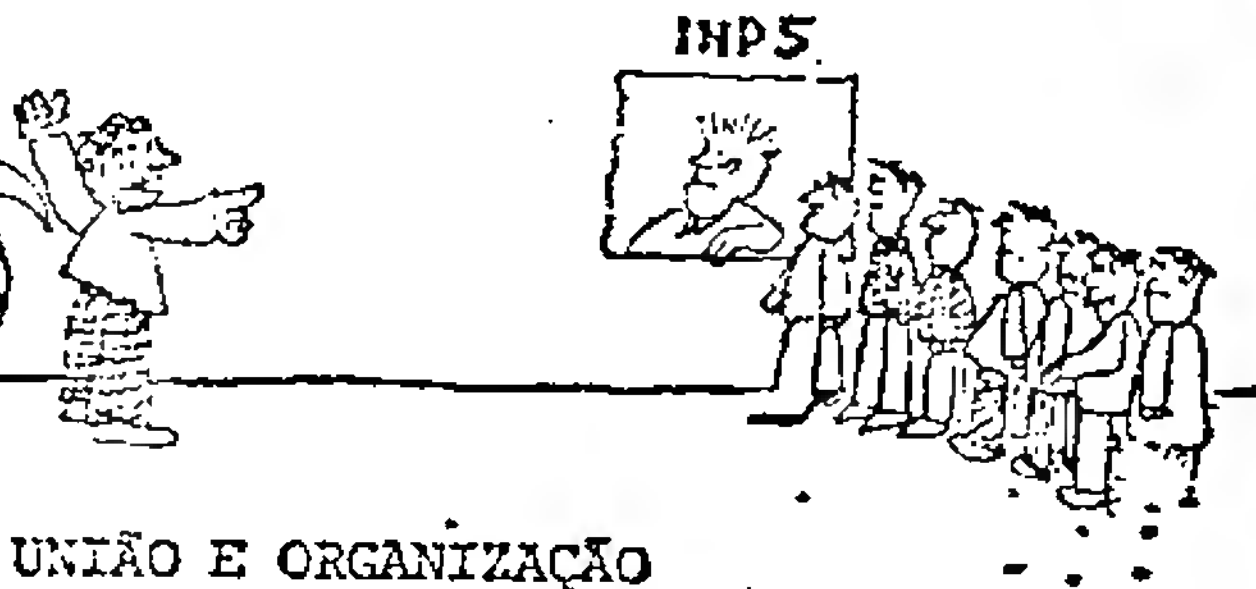
É fácil a gente ver que um problema está muito ligado com o outro.

Se a gente não pode comprar o que precisa para comer.
Se a gente não pode descansar umas horas por dia...
Se a gente não pode ter uma boa condição de vida...

COMO A GENTE PODE TER BOA SAÚDE?

Então a gente vê que saúde fraca é consequência do salário baixo e da falta de condição de vida.

COMPANHEIROS!
O REMÉDIO PRA
RESOLVER ESSE
PROBLEMA É SÓ UM:
UNIÃO E ORGANIZAÇÃO
DOS
TRABALHADORES

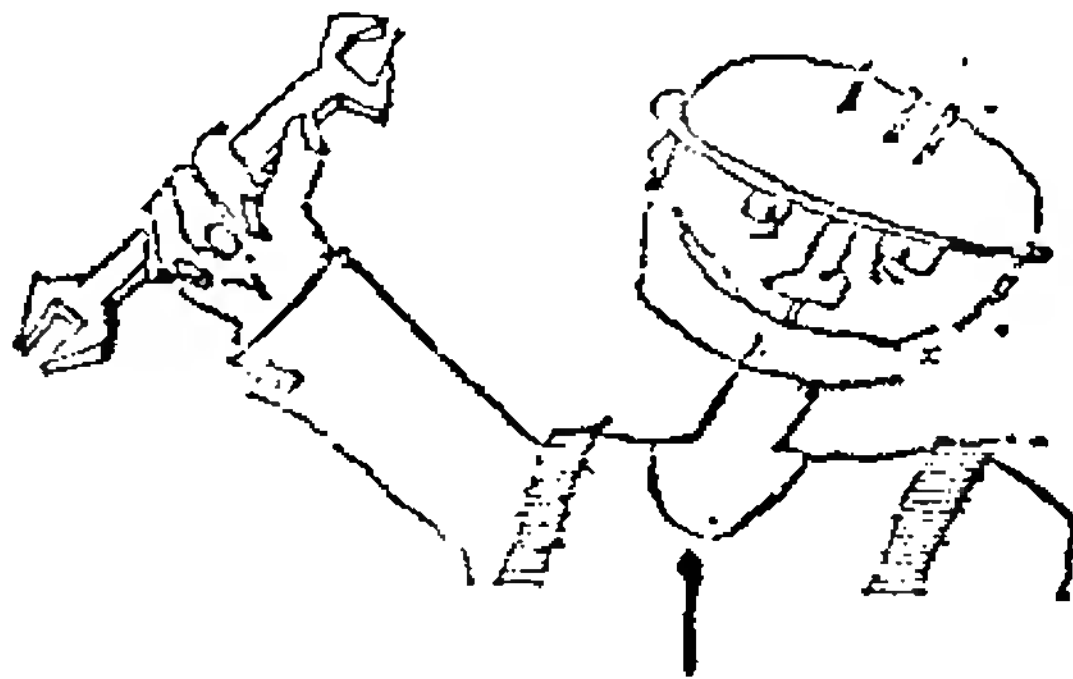


UNIÃO E ORGANIZAÇÃO
NA FÁBRICA, NO BAIRRO E NAS LUTAS SINDICAIS

E aqui no Itaim tem muito trabalhador que pode se u...
Na pesquisa deu pra notar isso. Tem bairros que em
quase toda família tem gente que trabalha em fábrica.

A Vila Alvoré é um bairro assim.

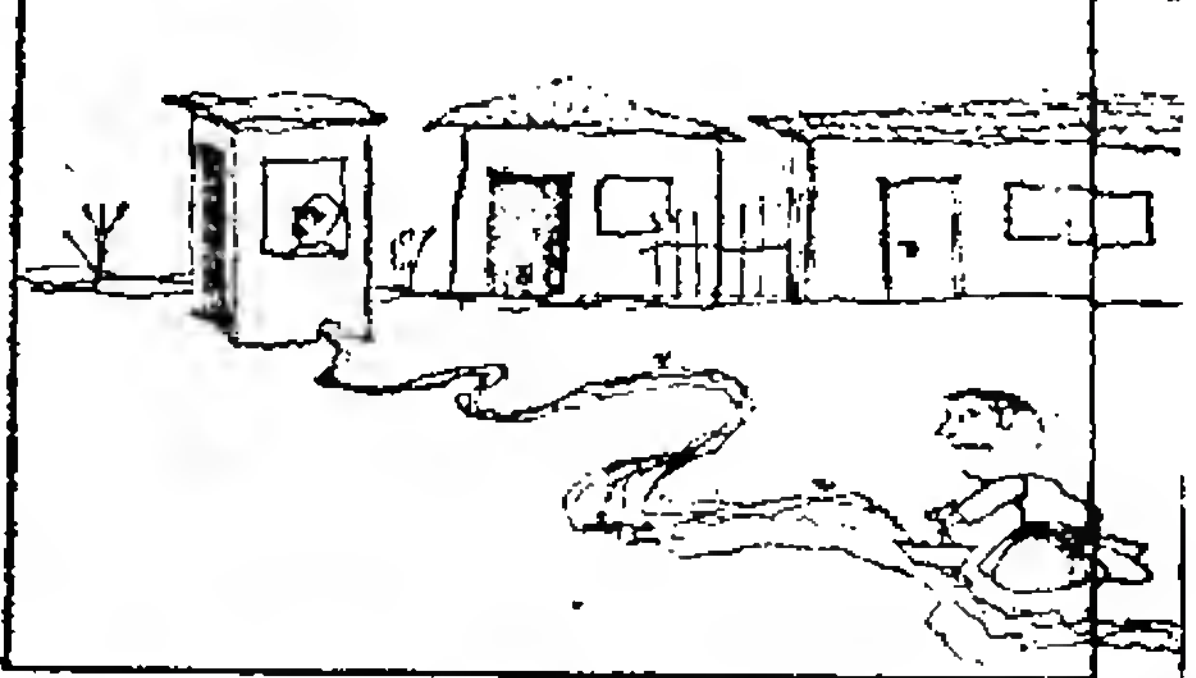
259 famílias
tem pessoas que
trabalham em fábrica



Problemas dos Bairros ④

Muitas pessoas falaram dos principais problemas que sentem no bairro onde moram

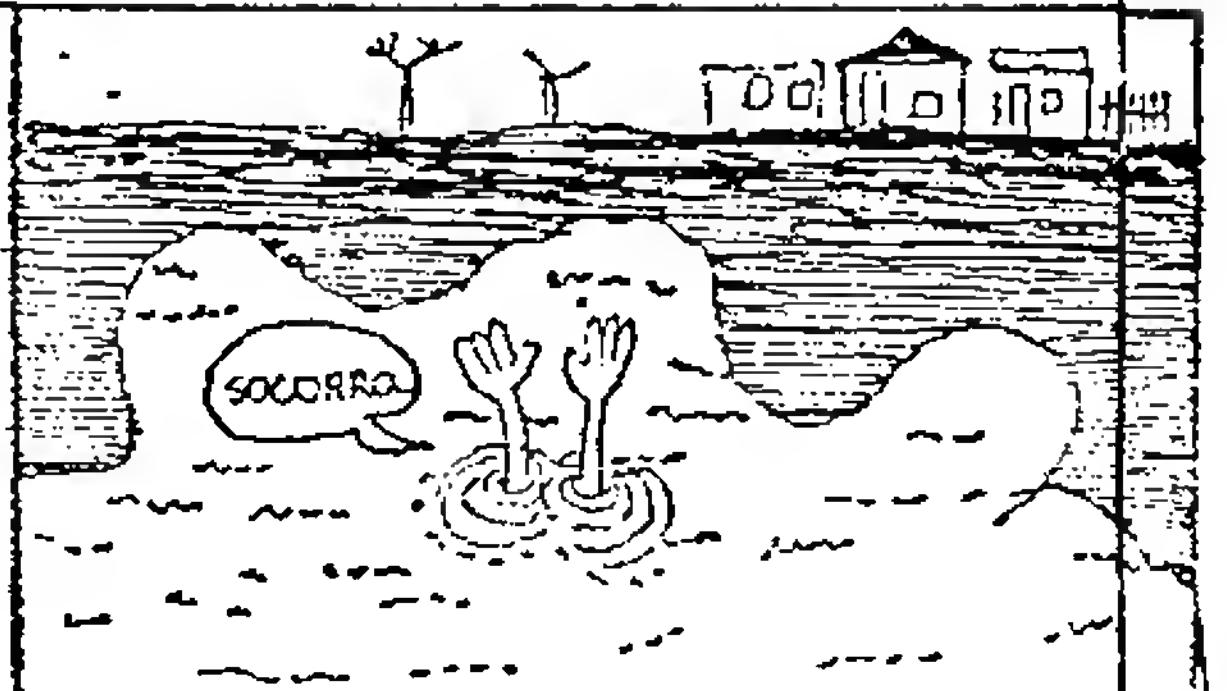
288 falaram da
FALTA DE ESGOTO



124 falaram da
FALTA DE LUZ

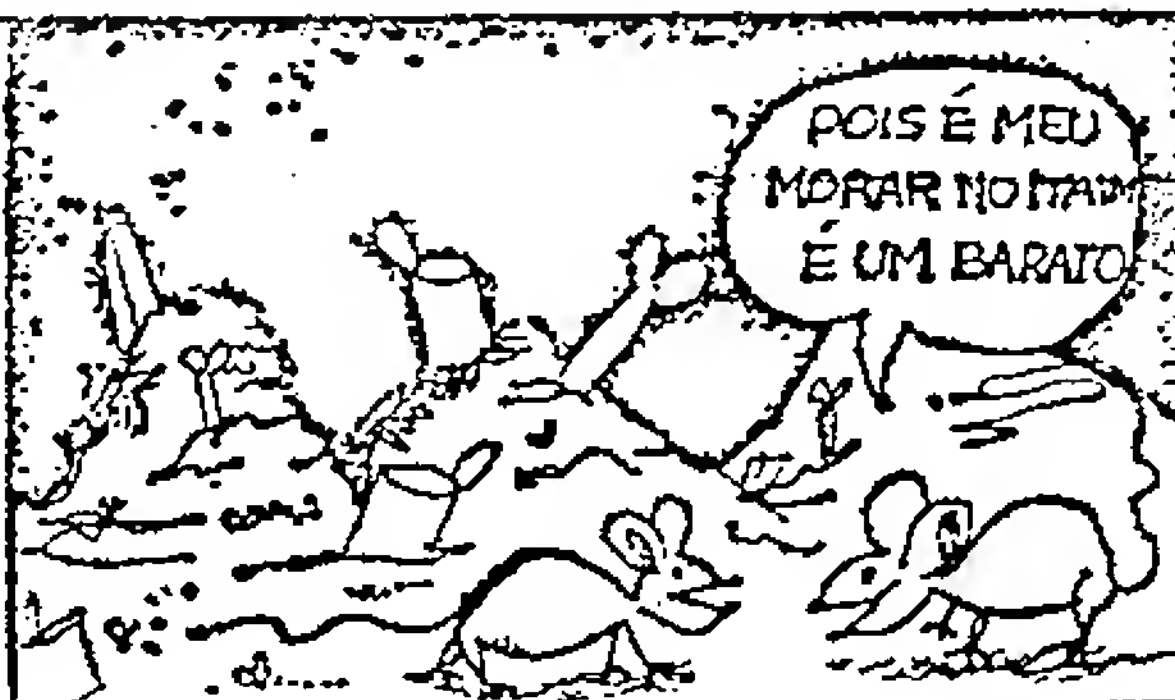
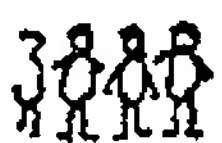


106 falaram da
LAGOA COMEDEIRA
DE GENTE



⑤: Tave dois outros problemas muito sérios que apareço

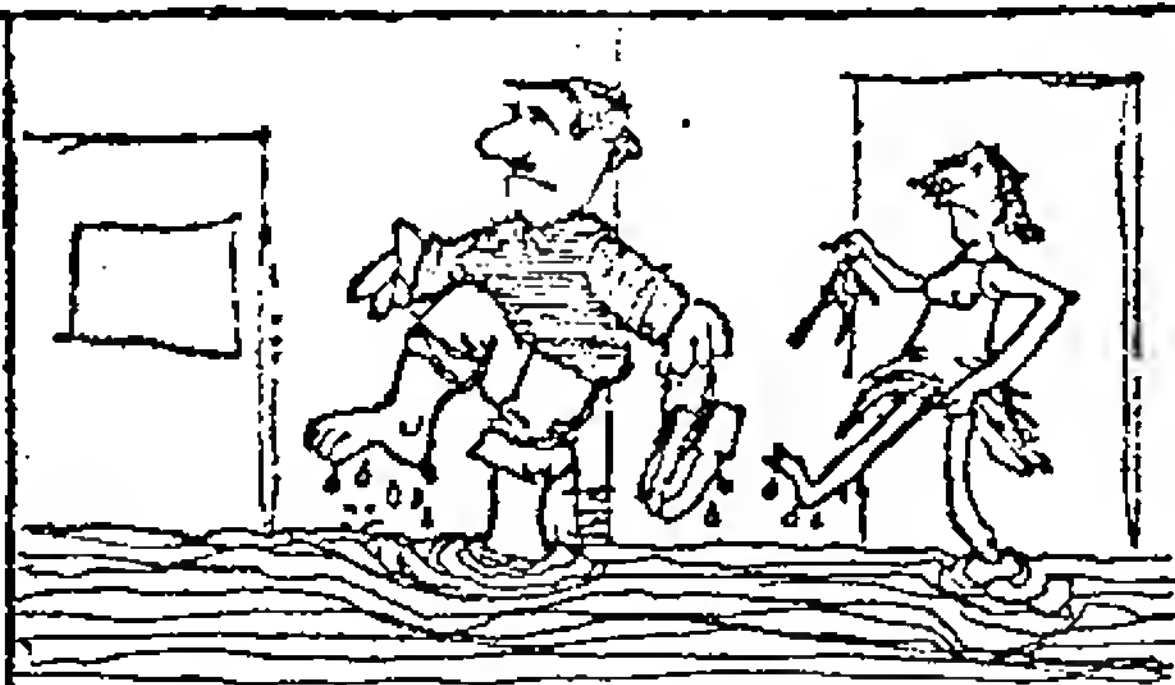
96 falaram da
FALTA DE COLETA
DE LIXO



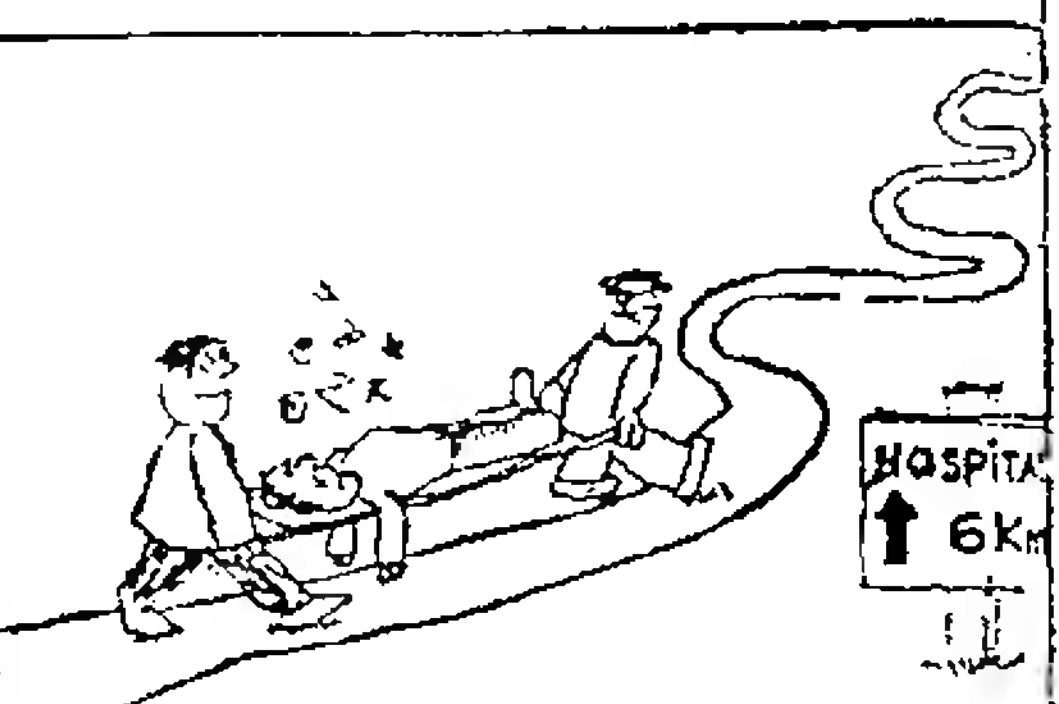
160 falaram da
FALTA DE CRECHE



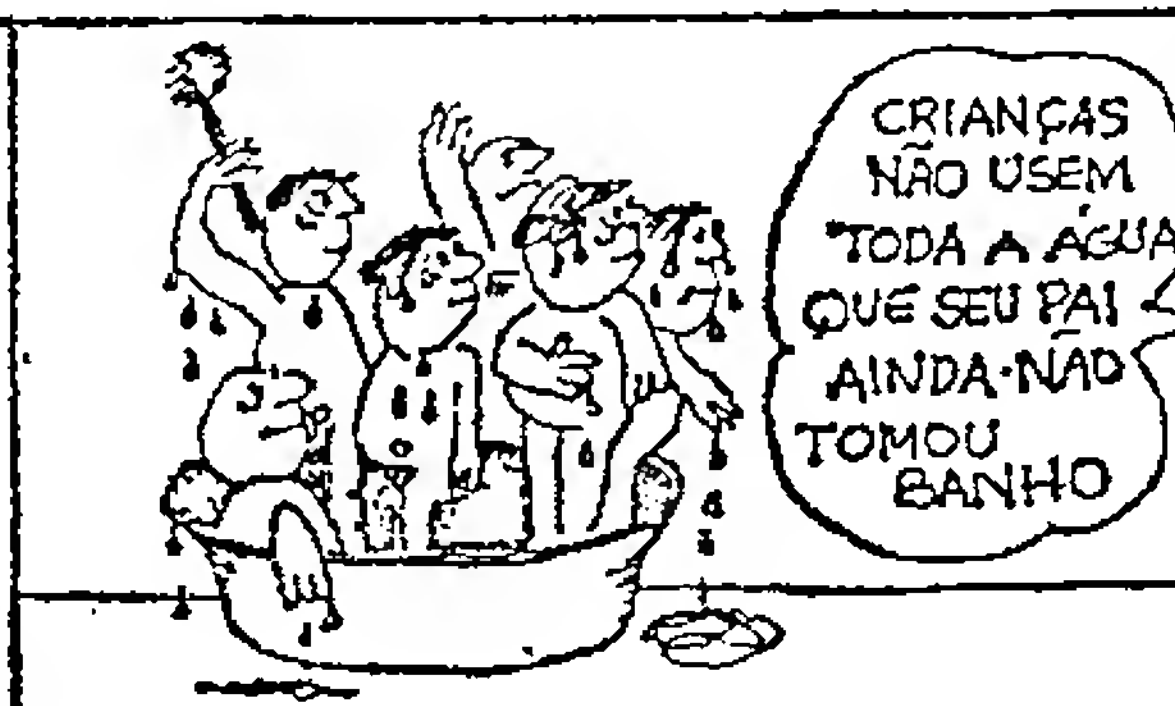
70 falaram da
FALTA DE ASFALTO
NA RUA



261 falaram da
FALTA DE HOSPITAL,
PRONTO-SOCORRO E
POSTO DE SAÚDE.



63 falaram da
FALTA DE ÁGUA



ESSES RESULTADOS MOSTRAM COMO O POVO SOFRE COM TANTO PROBLEMA. O QUE A GENTE DEVE FAZER PARA RESOLVER ESSA SITUAÇÃO?

Agora a gente vai pegar os problemas por bairro. a gente não vai pegar todos os bairros do Itaim. vai pegar aqueles que dá pra tirar uma conclusão com

7

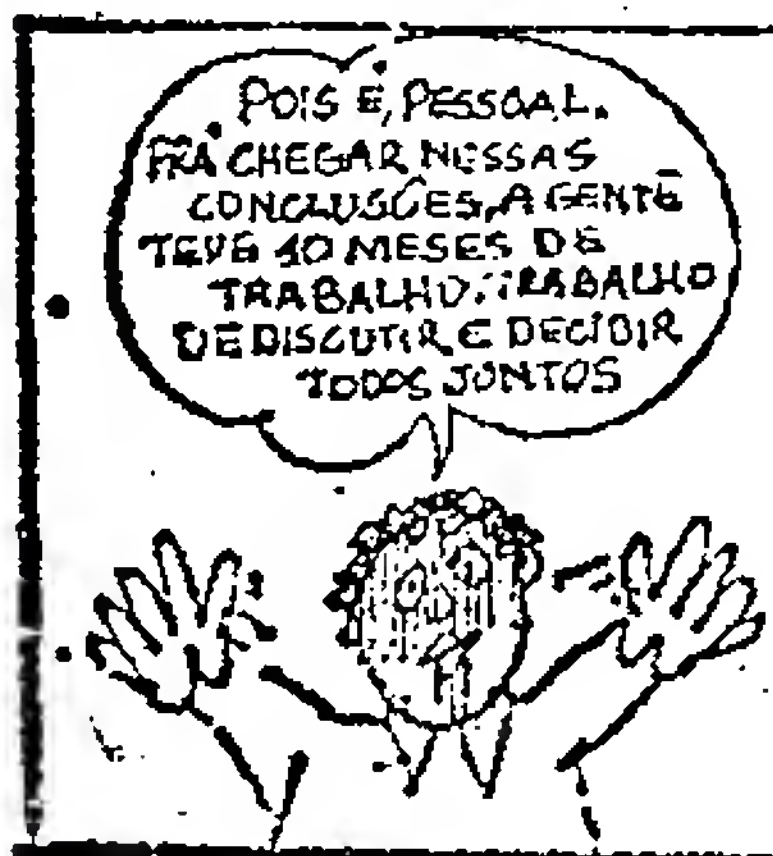
Problemas por Bairro

VILA ALVAREZ	• Esgoto • Lagoa	80 69
JARDIM SANTA	• Esgoto • Falta de coleta de lixo	40 15
VILA ITAÍ	• Esgoto • Lagoa	48 24
JARDIM DAS GENTILHAS	• Esgoto • Falta de luz	30 24
CAMARCO NOVO	• Falta de luz • Falta de água	26 25

LÁ NO CAMARGO, O PROBLEMA DO LIXO TAMBÉM É MUITO SÉRIO



A GENTE VIU COMO TEM PROBLEMAS QUE APARECEM MAIS EM ALGUNS BAIRROS. É O CASO DA LAGOA. SERÁ QUE OS BAIRROS DEVEM RESOLVER SEUS PROBLEMAS SOZINHOS? OU JUNTO COM OS OUTROS BAIRROS?



9

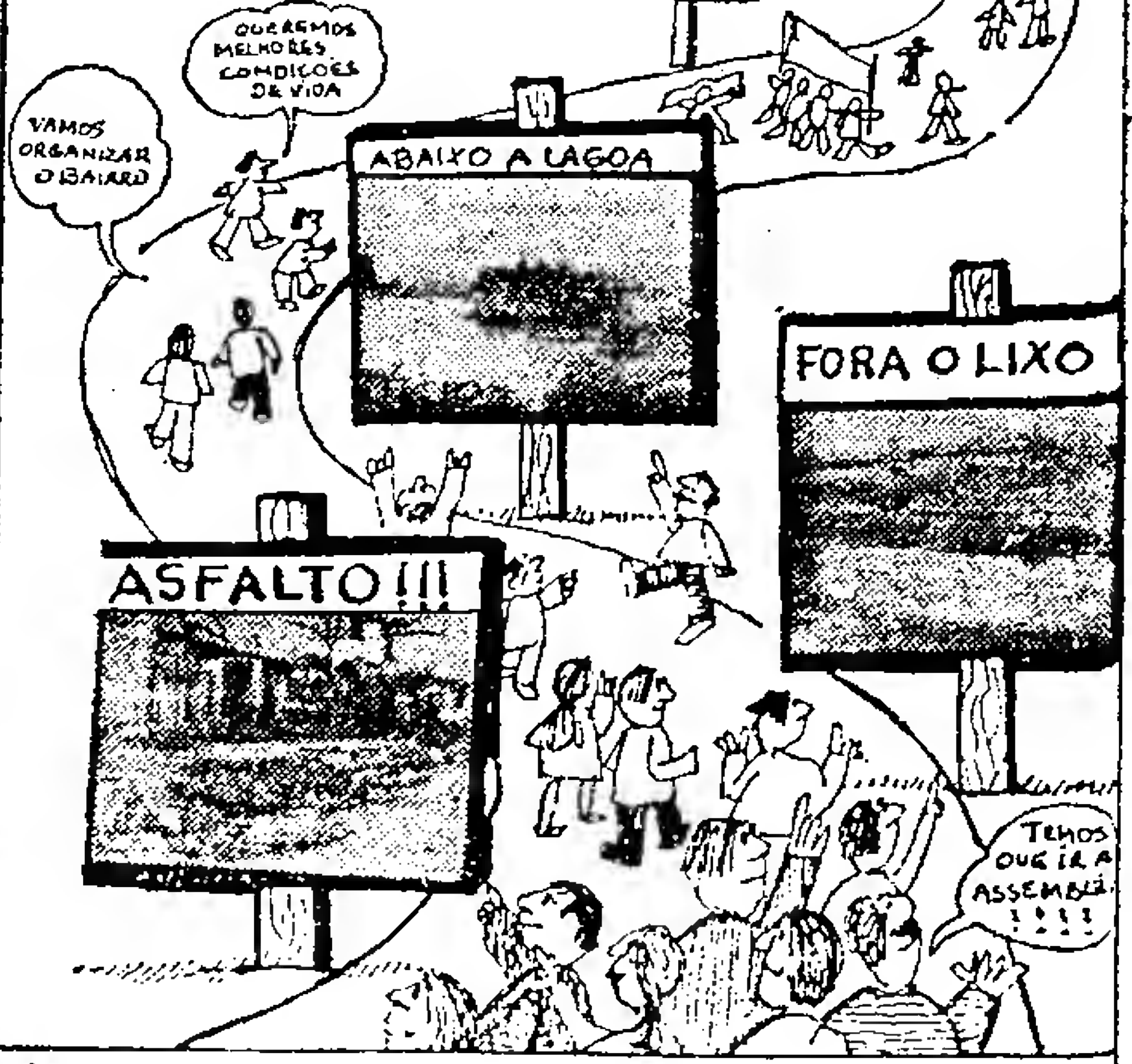
PARA VER QUE PROBLEMAS A GENTE RESOLVE PRIMEIRO VAMOS JUNTAR AS IDEIAS E TOMAR UMA DECISÃO!!!
VAMOS TODOS A ASSEMBLÉIA!!!

E ISSO AI

VAMOS SIM!



Para conseguir todas essas coisas a gente tem um longo caminho para percorrer. Um caminho que a gente vai vencendo, mas que não termina logo. Cada distância vencida vai fazer a gente querer ir mais longe. E a gente vai vencer esse caminho todo, se a gente se unir.



Essa pesquisa foi feita por um grupo de moradores do Ilum. Paulista e a região oeste.

caderno, conta com a colaboração do Centro de Educação do Instituto Sales Suplente

I Encontro sobre a Participação Política da Mulher

Exigir a construção de creches nos bairros; participar ativamente do processo político do País, organizando as lutas em suas bases; promover unificação dos movimentos femininos à nível nacional; criar Departamentos Femininos dentro dos Sindicatos; fazer com que a mulher não sofra discriminação nos diversos setores sociais e derrubar a ditadura, através do voto direto, foram algumas das decisões tomadas durante o 1.º Encontro sobre a Participação Política da Mulher, realizado em São Bernardo, no último domingo.

Cerca de 500 mulheres da periferia de São Paulo, assim como representantes de outros Estados, participaram dos trabalhos. As propostas de atuação, encaminhadas pelas participantes, serão transformadas num livreto que será distribuído à toda população e também servirá de base para as discussões nos bairros. Vários pais de família participaram do Encontro e apoiaram totalmente a luta das mulheres. "Elas devem ter representantes junto aos poderes para que defendam seus interesses, assim como de todo o povo" — observou um dos presentes.

O Encontro durou todo o dia sendo que, no período da manhã, foram expostas experiências, para que, no período da tarde os grupos de trabalho se reunissem e apresentassem as conclusões. Exposições sobre assuntos como loteamento clandestino, movimento de favelados, Movimento Contra o Custo de Vida e diversos trabalhos feitos em Nova Iguaçu e Campinas foram discutidos.

CRECHES

Mas o problema principal e que atinge diretamente à mulher é ainda a questão das creches. As participantes resumiram a sua reivindicação da seguinte forma: creches nos bairros e mantidas pelo governo, para que as mães possam trabalhar e assegurar um orçamento melhor no final do mês. Mas apesar de todos os esforços que vêm sendo feitos pelos grupos de mulheres, "o governo ainda continua resistindo" — comentou Irmã Passoni, deputada estadual e uma das coordenadoras do Encontro.

Por sua vez Ivone Soares, vereadora de São Bernardo, que também organizou os trabalhos, apresentou uma proposta e contou como anda o movimento no Município e em São Paulo: "Os Municípios devem iniciar imediatamente estudos visando ceder terrenos ao governo do Estado para que este cuide das construções das creches (ou que os municípios que possuam capacidade econômico-financeira iniciem os trabalhos de construção) conforme as necessidades imediatas do local. Peço ainda que o Governo Federal determine a criação de um Fundo de Creches, constituído por percentual das arrecadações das Loterias Federal e Esportiva, de taxas cobradas às indústrias e outras empresas que são obrigadas por lei a manter berçários (mas não o fazem) e quaisquer outros recursos disponíveis, de forma que a União possa proceder às instalações de creches em municípios carentes de recursos, bem como, socorrer toda e qualquer creche do território nacional que, eventualmente, apresente momentâneos problemas de manutenção".

Dentro do problema de creches, a Prefeitura de São Paulo já vem tomando algumas providências, pois construirá (a partir do próximo ano) mais 380 creches totalizando assim, 500. São Bernardo, por sua vez tem uma carência total neste tipo de atendimento, pois possui apenas cinco creches, que abrigam 200 crianças. "Num trabalho paralelo e experimental — acrescentou Ivone — o Município está optando pela instalação de creches comunitárias, que terão a seu cargo crianças de até um ano e meio de idade e lares substitutos (casas de mães moradoras de favelas que não trabalham fora e ficam com as crianças das que trabalham) que abrigarão crianças até cinco anos".

Encerrando a exposição sobre o problema das creches, o prefeito Tito Costa, de São Bernardo, assegurou que está encontrando grandes dificuldades junto ao Governo do Estado, no sentido de conseguir apoio financeiro para o Município. "Neste Natal da criança pobre (que a Prefeitura sempre promove) talvez não sejam distribuídos presentes, pois o governador Paulo Salim Maluf se recusou a enviar os brinquedos, porque eu não participei do governo itinerante quando estive no ABC".

A POLITICA NA PRÁTICA

Na parte da tarde, os 15 grupos em que se dividiram os participantes, discutiram três questões: 1) "Até agora temos nos unido, nos organizado, mas nossas lutas (movimento contra a carestia, loteamentos clandestinos, creches, água etc.) têm dado com a cara na porta do poder público. Por que? Quais as saídas?"; 2) "São muitas as dificuldades que impedem a participação da mulher nas lutas do povo. Diante disso, o que fazer?"; 3) É importante a participação política da mulher? De que forma?"

As respostas formuladas pelos grupos às três perguntas foram reunidas em três relatórios. No primeiro, com relação ao "descanso" das autoridades, chegou-se à conclusão de que "o governo tem medo do povo, não se interessa em ajudá-lo porque não foi eleito por ele; o governo não sofre dificuldades, os nossos problemas".

Como sugestões, foram citados encontros de caráter nacional para troca de experiência de luta e a organização do povo em movimentos específicos como o da carestia, dos salários. Outro aspecto anunciado pelo relator foi a necessidade do Fundo de Greve Permanente, onde as contribuições seriam recolhidas normalmente. Ainda quanto às reivindicações salariais, os grupos propuseram piquetes em bairros, ao invés das fábricas, para que os operários não precisassem se deslocar em dias de greve. A nível político lembrou-se da luta pelo fortalecimento do Poder Legislativo, pelas eleições diretas, pela livre organização popular e partidária e por um partido representativo do povo.

Como resposta à segunda pergunta referente às dificuldades da mulher na participação política, o relatório apontou dois aspectos: a mulher é oprimida no trabalho, onde exerce as mesmas funções que os homens, ganhando menos, e também em casa, pelo marido, que a impede de participar. A mulher foi criada para ser submissa e acomodada e os meios de comunicação reforçam esses pontos.

Mas ela precisa trabalhar, e portanto, necessita de creches, lugares adequados e seguros onde possa deixar seus filhos enquanto trabalha; e de

estabilidade para a gestante. Precisa dividir com o marido as tarefas domésticas, para que não seja ela a única a trabalhar em dupla jornada. Foram citados os casos de maridos que impedem a mulher de trabalhar fora, de participar de encontros, assembleias, de participar politicamente. "A mulher não pode depender do marido para sair", observou a relatora. Dividindo as tarefas domésticas, a mulher terá tempo de trabalhar em sindicatos, formando parte da diretoria, organizando reuniões em seus bairros, educando seus filhos.

Como resposta à terceira questão, sobre a participação política da mulher, os grupos discutiram a importância da tomada de consciência da mulher e seu trabalho na sociedade, para que ela não seja levada à acomodação, que faz parte da política governamental. A mulher — acrescentou — deve participar da luta partidária, filiar-se ao partido verdadeiramente representativo do povo, fundar diretórios, fazer política na prática. Sugeriu-se um

encontro nacional sobre a participação política da mulher. Outro ponto: a reunião de representantes dos movimentos populares a cada dois meses.

A deputada Irma Passoni lembrou também da necessidade do comparecimento da população na Assembleia Legislativa, no dia da apresentação do projeto do governador Paulo Maluf sobre a mudança da Capital: "Lá a população poderá distinguir os deputados corruptos", disse.

Por outro lado, os representantes aprovaram, por aclamação, uma Moção de Repúdio ao aumento das tarifas de ônibus, e dos gêneros de primeira necessidade em geral, proposta pelo Movimento Contra a Carestia. A mesma moção apoia os motoristas de táxi em suas reivindicações pelo congelamento do preço da gasolina para que possam continuar trabalhando, exigindo medidas mais rigorosas da parte das autoridades.

Outras decisões tomadas pelos participantes do encontro: reunir, num livreto, as principais conclusões a que chegaram os grupos, para ser distribuído e discutido. E também a formulação de um relatório oficial a ser enviado as autoridades, frisando que a mulher exige participar politicamente.



Ana Maria, mulher-símbolo de resistência

“Desculpe, moço, se lhe incomodo com tudo isso”

Esta é a íntegra do apelo feito por uma garota de oito anos a qualquer autoridade que disponha a construir creches, lido durante o Encontro: “Sabe moço, tenho oito anos, um irmão de 12 anos, uma irmã de 11 anos, outra de nove anos e meio, e ainda mais um de seis e outra de cinco e a pequenininha de 11 meses. Meu irmão de 12 anos está no **Pequeno Trabalhador**, minhas irmãs de nove e 11 são empregadas domésticas e a de 11 ainda estuda, mas a de nove a patroa não deixa, não. Eu fico em casa e faço todo o serviço de casa. Meu irmão de seis anos está na escola. Meu irmão de seis anos anda pela rua o dia inteiro, lavando e tomando conta de carros dos doutores. De vez em quando ele aparece com bastante dinheiro, uns Cr\$ 100,00, ou alguma roupa, eu acho que ele rouba, mas ele diz que ganha”.

“Quando dá a hora eu vou para escola e deixo minha irmãzinha com a outra de cinco anos. Deixo elas de porta trancada, de medo. Minha mãe, sabe, morreu quando a caçulinha tinha dois meses, disseram que foi por causa do parto, deu infecção dentro. Meu pai trabalha numa fábrica, sai de casa às 4,30 hs. e às vezes só volta às 10 hs. da noite, fica fazendo hora-extra pra ganhar mais. Ele tá tão magro. Me lembro que minha mãe sempre dizia pra meu pai se tivesse creches, ela deixaria a gente lá e ia trabalhar para ajudar ele a acabar nosso barraco, que tem dois cômodos. Mas infelizmente ela morreu sem ter essas creches. Sabe moço, eu penso como minha mãe: se tivesse creches, eu iria trabalhar para ajudar meu pai. Fui ver uma outro dia, mas era paga e nós não temos dinheiro. Se o senhor puder, moço, ajude a construir uma creche, assim eu deixaria nessa creche, para ir trabalhar, minha irmã de cinco anos e a de 11 meses e também meu irmão de seis anos. Não quero que ele também vire mais um trombadinha”.

“Tive até pensando, moço, que minhas irmãs de nove, 11 e eu, até poderíamos trabalhar nessas creches e dava tempo ainda pra gente estudar. Poderíamos até vir a ser professores de outras crianças, depois que a gente fosse grande”.

“Desculpe, moço, se incomodo sua paz com meus problemas, mas é que estou tão preocupada com meus irmãos e meu pai que não resisto ao desejo de fazer esse apelo. Se quiser, pode até adotar um de meus irmãos, meu pai já falou que deixaria, ficaremos felizes em saber que ele teria amor, carinho e alimentos. Seria uma vaga a mais em nossas creches e um marginal a menos amanhã. Meu endereço é um barraco sem número, num bairro pobre desse nosso Brasil, mas pra me ajudar não precisa bater em minha porta e nem me dar trocado na rua. Procure, por favor, uma dessas pessoas que estão trabalhando para a construção de creches, que graças a Deus hoje em dia está aumentando e lá elas lhe dirão como pode me ajudar. E desde já sou-lhe agradecida. Maria das Dores de Jesus (14/9/79)”.

Missa de 30.o dia pela morte do operário Santo

Cerca de 500 pessoas — amigos, familiares, integrantes das Comunidades de Base, metalúrgicos, religiosos — compareceram na última 2.a feira à missa de 30.o dia em memória do operário Santo Dias da Silva, assassinado pela polícia durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo. O ato, celebrado na Igreja de Santo Amaro, na Região Sul da cidade — a mesma que acolheu os metalúrgicos grevistas — depois da invasão policial da Capela do Socorro, teve início às sete da noite apesar da chuva intensa. Seu cântico de entrada comparou a classe operária brasileira à figura de Jô, no Antigo Testamen-

to: "Jô duvidava de Deus porque não via bondade nos homens. A nossa classe operária é confrontada hoje com a violência e o cinismo de autoridades que se proclamam cristãs".

Um dos temas para reflexão na liturgia foi o próprio texto final da Semana de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo, realizada de 17 a 25 de novembro. Nele são denunciadas as condições injustas de vida dos trabalhadores, e se identifica a causa das injustiças sociais no sistema político-econômico atual.

O evangelho citou Mateus: "Não temais aqueles que matam o corpo,

mas não podem matar a alma". O comentário ficou a cargo do Pe. Miguel Pipolo, coordenador da Pastoral Operária — Setor Interlagos:

"Não podemos nos resignar ante essa violência. Não podemos esquecer a morte de um justo. No exemplo de Santo, vamos buscar ânimo e coragem para que possamos enfrentar a força dos opressores".

Uma das músicas cantadas durante a comunhão, foi feita pelo Grupo de Música da Comunidade de Vila Remo, da qual Santo participava: "Companheiro Santo/você está presente/no cora-

ção do povo/na voz de nossa gente/Você não morreu/Teu sangue é uma semente,/que vai brotar no peito/ e vai tocar na mente/de todo operário, / tornando-o consciente/da união do povo/que forma uma corrente/que liberta o medo/e o faz resistente.

Depois da Missa, integrantes do Comando de Mobilização dos Metalúrgicos Sul, denunciaram o modo pelo qual vem sendo encaminhado o processo jurídico sobre a morte de Santo, na Justiça Militar. Uma das testemunhas do assassinato, Vicente — o "Espanhol" — relatou o seguinte: "O processo vem sendo feito

pela Justiça Militar, porque a eles interessa julgar o quanto antes, para não culpar os verdadeiros culpados. Nós prestamos depoimento, e vimos que os interrogadores queriam levar a água para os seus moinhos. Ficou claro que eles pretendem não culpar os soldados e a polícia, e, se não tomarmos cuidado, nós, que estávamos no local da morte do Santo e vimos tudo, é que levaremos a culpa. Por isso, eu apelo ao povo para ficar sabendo da verdade, para que não levemos nas costas a culpa pela morte do Santo. Nunca devemos esquecer o sangue de Santo, senão ele ao invés de recair sobre os

culpados, vai cair sobre operários inocentes".

Outro elemento do comando, denunciou a circulação de um documento, pretensamente assinado pela Oposição Metalúrgica, e que não reflete as suas verdadeiras opiniões. Nele, alguns membros da Oposição são acusados de falsos trabalhadores e de receberem dinheiro para continuarem em greve. Assim, diante da informação, improcedente, os elementos do Comando aconselharam os trabalhadores a procurar informações junto aos grupos de operários ligados às Comunidades de Base e também com os padres.

Mulher faz congresso e exige mais participação política

Foi em São Bernardo do Campo neste fim de semana: a mulher brasileira se reuniu para discutir seus problemas. O principal deles e que atinge diretamente a mulher é ainda a questão da creche. Uma vereadora propôs que os municípios estudem os locais para que o Estado cuide de ceder esses terrenos, e que o governo federal determine a criação de um Fundo de Creches constituído por percentuais das arrecadações das loterias federal e esportiva; de taxas cobradas às indústrias (não são para elas que as mulheres trabalham?), e outras empresas que são obrigadas, por lei, a manter berçários, mas não o fazem.

Foram discutidas também outras questões, como o da participação política da mulher no processo atual e foi aprovada, por aclamação, uma moção de repúdio ao aumento das tarifas de ônibus, e dos gêneros de primeira necessidade, uma proposta do Movimento Contra a Carestia. As principais conclusões a que chegaram os grupos será objeto de um livreto, e em breve será formulado um relatório oficial do Encontro. Enfim, a mulher toma a ofensiva. Página 6.



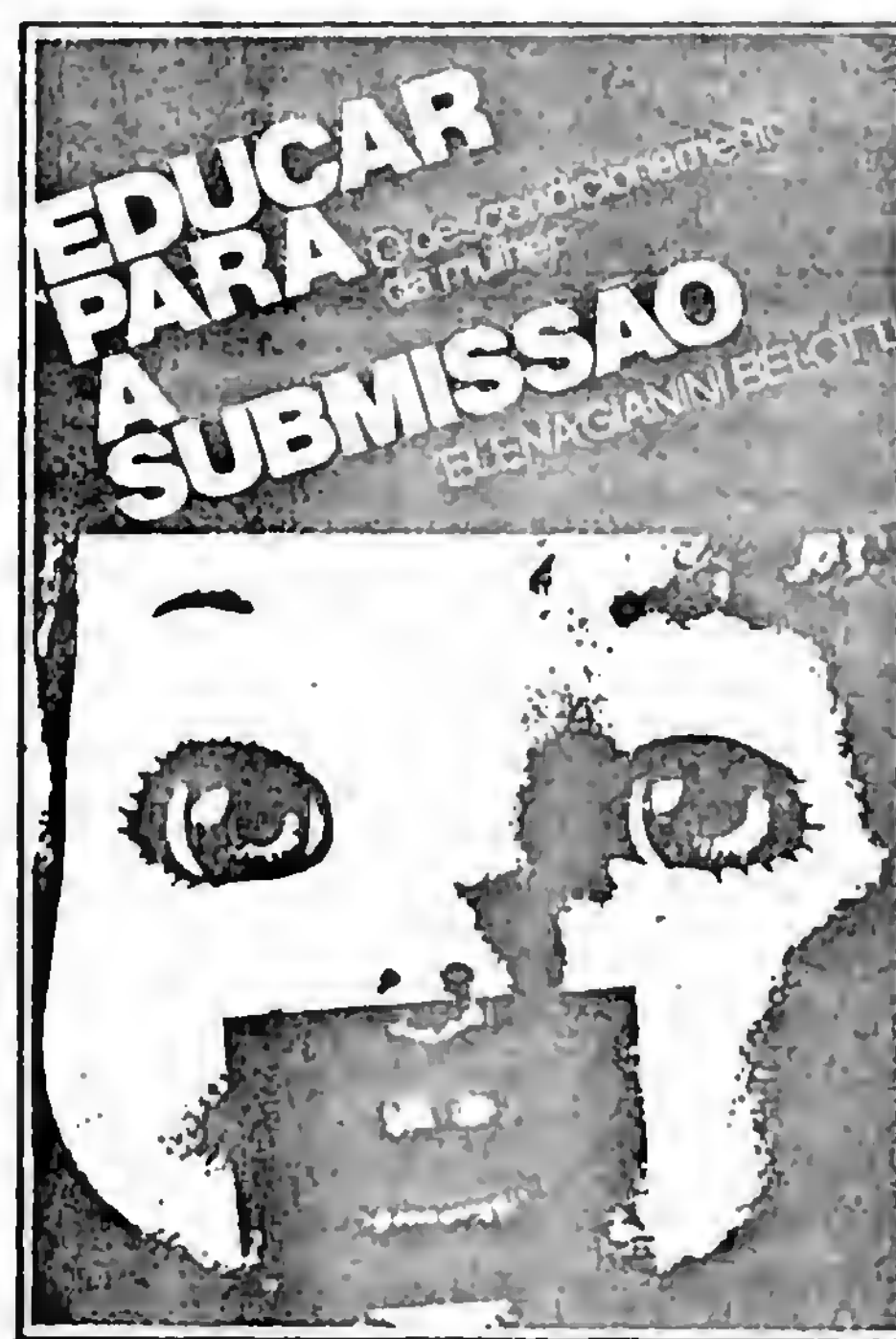
Os condicionamentos que educam a mulher

Antes mesmo de nascer, menino e menina são tratados de forma diferente: ele com a expectativa de vir a mandar e ela com a de ser mandada. Depois educa-se para isso.

Um dos trabalhos mais lúcidos já editados no Brasil sobre a questão da mulher na sociedade de hoje — “O descondicionalismo da mulher” — acaba de ser relançado, só que com outro nome — “Educar para a submissão”. Nele, a pedagoga italiana Elena Gianini Belotti, do Instituto Montessori de Educação, de Roma, escarafunha meticulosamente todo o processo inicial de formação da criança, desde o nascimento — e até antes, analisando as expectativas dos pais, dos adultos, em torno do sexo da criança que vai nascer — até a escola primária e o ginásio. Dando exemplos, contando casos, ela vai mostrando de que maneira se educa uma criança para ser mulher ou homem. “As raízes da nossa individualidade são profundas e nos escapam, pois não nos pertencem. Foram outros que as cultivaram para nós, sem que disso tomássemos conhecimento”.

A autora questiona as origens biológicas (hormonais e genéticas) da personalidade feminina e, em vários capítulos, mostra como essa personalidade vai sendo submetida a um processo de condicionamento — desde as diferentes formas de amamentar meninos e meninas. Passando pela primeira infância, mostra também como se estimula nos meninos um tipo de comportamento — criativo, independente, empreendedor, com espaço para a curiosidade e até mesmo para a agressividade —, enquanto com as meninas ocorre o contrário: apatia, dependência, pouca vivacidade.

Imitando e respondendo às demonstrações de aprovação ou reprovação dos adultos, as crianças vão se moldando às exigências deles, principalmente aos três ou quatro anos, quando não têm a possibilidade de se defender



e criticar racionalmente essas imposições.

Mas não se trata apenas de criar dois tipos de comportamento, nenhum melhor ou pior que o outro. O que se observa é que no caso das meninas — bem menos que no dos meninos — prevalece um tipo de tratamento repressivo, que abafa os seus impulsos no sentido de desenvolver suas capacidades individuais, de se realizar como indivíduo.

Quanto à sexualidade, diz Belotti que “na maneira diferente de apreciar as primeiras atividades de natureza sexual dos meninos, já se acha presente o preconceito de que o macho é dotado naturalmente de instintos sexuais muito mais poderosos que os das meninas e, por conseguinte, suas atividades eróticas devem ser toleradas, quando não até estimuladas, ao passo que a menina, se vier a manifestar esses mes-

mos instintos, está de certa forma se desviando da regra e deve ser refreada. Pode-se muito bem vir a ser mulher sem viver a própria sexualidade, enquanto não é possível se tornar homem a não ser vivendo-a plenamente, é o que atestam os estereótipos”.

O livro fala também das brincadeiras infantis, da literatura para crianças, focalizando sempre o que é tão óbvio e que já nem vemos. Formas, enfim, de colocar a mulher na posição de subjugada e o homem na de subjugador. “A crítica às mulheres contida nessa análise — esclarece Belotti — não pretende ser um ato de acusação, mas um estímulo para que tomem consciência dos condicionamentos sofridos e para que não os transmitam e, ao mesmo tempo, para se convencerem de que podem modificá-los”.

O único problema do livro, e que não deixa de ser sério, é não mostrar as condições de vida diferentes das mulheres determinadas pela sua classe social. Certamente os condicionamentos da mulher operária se processam de forma bem diferente dos da mulher burguesa. Certamente, essas diferenças irão se manifestar até nos modelos de feminilidade propostos e são básicas para se compreender corretamente o fenômeno e tentar agir para modificá-lo.

Só conscientizar as mulheres é suficiente? As estruturas social e familiar vigentes suportariam uma nova mulher? Ainda assim, o valor do livro é inquestionável, preenchendo uma lacuna na bibliografia brasileira sobre a educação e sobre a mulher. (Gilda Mühlen)

Elena Gianini Belotti: “Educar para a submissão”, tradução de Ephraim Ferreira Alves, Editora Vozes, 164 páginas, Cr\$ 120,00.

Cobes construirá seis creches na Zona Norte



Serão atendidas crianças de até sete anos

A diretora da Cobes — Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura, Terezinha Fran, esteve anteontem na Zona Norte da Capital ouvindo as reivindicações das donas-de-casa, que exigem a construção de seis creches naquela região. Ela prometeu que "dentro de seis meses" as solicitações serão atendidas, reconhecendo que "esse deve ser um assunto prioritário".

Na reunião de anteontem, realizada na igreja do Carmo, participaram cerca de 100 donas-de-casa. "Muita gente não pôde vir devido às chuvas. A maior parte do pessoal mora em favelas e, quando chove, quem está embaixo não sobe e quem está em cima não desce", explicou uma moradora.

ÁREAS PRIORITÁRIAS

A população da Zona Norte elaborou um levantamento das áreas prioritárias onde as creches devem ser instaladas. Esta tinha sido a condição estabelecida pela diretora da Cobes, em reunião realizada na Prefeitura, dia 20 de novembro, quando as donas-de-casa foram protestar contra a falta de creches.

Elas afirmam que a maioria das mães da periferia trabalha fora e não tem com quem deixar seus filhos. Além disso, explicam que a situação vem piorando, porque no próximo ano não serão aceitas nas escolas municipais crianças com menos de sete anos de idade. "O fim do pré-primário está deixando as mulheres desesperadas" — disse uma delas.

Durante o encontro de ontem, Terezinha Fran afirmou que até março a Prefeitura vai entregar uma creche, na Casa das Pedras, também na Zona Norte, cujo projeto já está aprovado. No mesmo época, a Cobes vai entregar um Centro Comunitário, no Jardim Sonda, para uso da população. "O uso desse Centro será definido pela própria população, que deverá optar por fazer ali uma creche", explicou.

Além disso, ontem a Prefeitura apresentou um projeto de mini-creche, com capacidade para 60 crianças. Entretanto, as donas-de-casa reivindicam a construção de seis creches maiores, com capacidade para no mínimo, 200 crianças de um dia a seis anos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FOLHA SPANCO*Data *19/12/79*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

As crianças de Morro Grande terão creche

FSP 19/12/79

A Prefeitura vai construir uma creche na região de Morro Grande, onde vivem 30 mil famílias e há 3 mil crianças de 0 a 4 anos, cujas mães ~~trabalham fora~~. A realização dessa obra foi anunciada ontem pelo prefeito Reinaldo de Barros e atende a reivindicação levada ao Ibirapuera por uma comissão de mães.

A comissão entregou um abaixo-assinado com 2.300 nomes e um relatório com os resultados da pesquisa realizada entre 200 famílias de Morro Grande, que revelou o número de crianças, renda familiar e indicou três terrenos, de propriedade municipal, onde a creche poderia ser instalada.

O prefeito adiantou que o programa de construção de creches na periferia da cidade — num total de 800 unidades — está em andamento, começando pelas regiões de Santo Amaro e Campo Limpo, e se estenderá, paulatinamente, ao

Butantã, seguindo para as zonas Norte e Leste.

A comissão de mães manifestou o receio de que as creches não sejam administradas diretamente pela Municipalidade e que as crianças fiquem abandonadas como ocorre em muitas unidades que funcionam pelo sistema de convênio. Reinaldo de Barros respondeu que esperava contar com a colaboração das entidades comunitárias e das próprias mães que poderão, até, ser contratadas pela Prefeitura para trabalhar nas creches. Advertiu que as creches que não estejam funcionando dentro das condições estabelecidas pela Coordenadoria de Bem Estar Social (Cobes) terão seus convênios denunciados, como já ocorreu com algumas delas.

O prefeito prometeu visitar Morro Grande e outros bairros da Freguesia do Ó, em janeiro, numa sexta-feira, quando despachará na sede da AR.

Casais do Belém ajudam

A SP 14n 20/12/78 O Lima Per

creche no Taboão



ESTELLA SAMPAIO

De mãos dadas, elas atravessam a rua correndo. Justo na curva da ladeira. Agora mesmo um caminhão pesado subiu por ali em grande velocidade. Mas Lucimara e Sandra Kátia estão brincando e não se preocupam com caminhões. Uma pretinha, de 4 anos, enfiada num grosso vestido azul-marinho, rasgado no cotovelo. É a Sandra Kátia que sorri, fazendo covinhas. Lucimara, bem loirinha, de cabelo comprido, está só de short vermelho. Já tem 6 anos e fala com mais facilidade.

Por que andam sozinhas pela rua?

A mãe de Sandra Kátia é da favela do morro. A mãe de Lucimara está trabalhando num escritório. As garotinhas ficam mesmo sozinhas o dia inteiro. Descalças, correm pela rua, vão à Praça, olham as pessoas que passam, brincam no chão. Elas não se preocupam com os caminhões pesados que correm na ladeira. E será que os caminhões pesados que correm na ladeira, se preocupam com Lucimara e Sandra Kátia?

Estamos no ANO I da CRIANÇA BRASILEIRA.

ACONTECE NO JARDIM MARIA ROSA

O que está acontecendo com Sandra Kátia e Lucimara, acontece com muitas e muitas crianças do Jardim Maria Rosa. Este fica situado no Taboão da Serra, não longe da BR-116. Pertence o bairro à Paróquia de Santa Terezinha, da Região Episcopal de Itapeverica da Serra.

Dado o nível sócio-econômico dos moradores, as mães precisam trabalhar fora de casa. Além disso, subindo o morro, existe uma favela onde vivem 50 a 60 famílias. Muitas mulheres arranjam emprego de domésticas. E as crianças? Com quem ficam? Ficam por aí, na rua. É isso que acontece no Jardim Maria Rosa. Ninguém vai fazer nada?

A IRMÃ ABRE UMA CRECHE

Foi em 1978 que surgiu a creche. Primeiro numa casa provisória. Agora numa casa própria, maior, situada na Praça José Salvador da Silva, n.º 45. Abriga atualmente 40 crianças. Mas crianças externas, cujas mães trabalham, são apenas 11. Por enquanto. Isso porque a Irmã — num gesto corajoso diante de dois bebezinhos abandonados com 20 dias — assumiu a iniciativa de criar um lar para responder a essa situação angustiada. Crianças sem família, órfãs ou abandonadas, filhos de mães solteiras ou de prostitutas.

Foi esse o primeiro objetivo da creche que a Irmã começou o ano passado. Mas um segundo objetivo se impôs posteriormente: atender às necessidades das mães faveladas no sentido de acolher suas crianças durante o dia para que possam trabalhar fora. Essas 11 crianças externas representam apenas um começo. Muitas outras crianças estão ficando na rua, chovem pedidos o dia inteiro. A ampliação dos locais é urgente.

SURGE O GRUPO DO BELÉM

Tudo aconteceu por acaso. Um simples pedido de vaga para duas crianças trouxe à creche duas pessoas da Paróquia de São Paulo Apóstolo, na Região Episcopal do Belém.

Eles visitaram a creche, viram as crianças tão mal acomodadas, tão apertadinhas. Viram o esforço do Irmã e de suas 3 funcionárias. Viram as caminhas e os berços tão amontoados. A cozinha pequena. Enfim, uma tremenda falta de espaço.

E tomaram uma decisão. Uma decisão de ajudar a Irmã. De melhorar a vida das crianças já tão carentes. Casais cristãos que levam a sério o Evangelho, eles assumiram esse compromisso numa atitude de fé.

— “A gente vai fazer o que puder”, disseram à Irmã. E esse “o que puder”, foi longe. Trabalharam, procuraram, pediram, organizaram. Com perseverança, dedicação, criatividade também. Foi um ano de luta.

E o resultado está aí. A creche ampliada, melhorada. Construíram um dormitório amplo e banheiros. Um outro benfeitor, de Tremembé, cons-

truiu a cozinha. Conseguiram as caminhas e muitas outras coisas. Tudo foi inaugurado agora, no dia 8 de dezembro.

Hoje lá estão as crianças, circulando mais livremente. E a Irmã mais aliviada: o n.º de vagas subiu para 60 a 80 crianças.

Agora, sim. Estamos fazendo o ANO I DA CRIANÇA BRASILEIRA.

A MANUTENÇÃO DA CRECHE

É difícil entender como se mantém a creche. A Irmã explica que não tem verba nenhuma. Muita gente ajuda, de um jeito ou de outro. Uns trazem mantimentos, outro dá a feira semanal. Uns arranjam remédios; outros, o leite. Fazem churrasco, prendas, bazar. "Nunca faltou o necessário", afirma a Irmã. "Nunca ficamos sem arroz, feijão e leite. E quando vejo que não tem mais, eu me viro, peço e arranjo".

A despesa mensal da creche é de 25 mil, incluídos os 7 mil da prestação da compra da casa. Ainda vão ter de pagar durante 4 anos. E a irmã vive nessa insegurança, locando o barco, confiando em Deus e na bondade das pessoas.

Uma equipe ajuda a Irmã. Tem o Conselho Fiscal. E a Diretoria, em suas reuniões, dá seu apoio e assessoria à Irmã. Ela é a alma de tudo aquilo. Pertence ao Instituto Secular das Servas de Jesus Sacerdote. E vive na simplicidade e na doação total sua consagração a Deus como religiosa. É enfermeira diplomada e tem longa experiência de trabalho em creches. Ajudam-na muito o Padre Eduardo Ramos, de Campo Limpo, e o Pe. Tomás, da Paróquia de Santa Terezinha. E, de maneira muito especial, o Bispo de Itapeacerica da Serra, D. Fernando José Penteado, que vem dando um apoio integral ao trabalho da Irmã, se preocupando com as necessidades da creche.

PROJETOS DO FUTURO

São, pelo menos, dois: fazer um Parquinho e construir o Internato. O Parquinho, para as crianças terem espaço para brincar, vai ser construído — um dia, quando Deus quiser — na parte posterior do terreno da casa que já é no morro. É extremamente necessário e urgente.

O Internato vai ser uma exigência legal daqui a 3 anos. É o seguinte: na creche estão juntos os garotos e as meninas. Por lei isso só é permitido até os 7 anos. Atualmente, os meninos mais velhos estão com 4 anos. Quando tiverem 7 anos, como vai ser? "Não vou jogá-los na rua", declara a Irmã. O jeito é construir um Internato, uma casa, que permita essa separação das crianças. Construir como? Com que dinheiro? Isso a Irmã não sabe. Sabe apenas que tem de construir.

A Mitra Arquidiocesana já deu o terreno, situado num morro, perto da creche. Falta a construção. Os casais da Paróquia de São Paulo Apóstolo, de Belém, já deram um belo exemplo. Mostraram que não existem fronteiras entre paróquias, setores e Regiões. A caridade nos impede a agir lá onde há carência.

Lá estão a Lucimara e a Sandra Kátia — soltas na rua — porque faltam vagas na creche. Lá estão as outras — a Ana Paula, uma pretinha de 1 ano e meio, a Regina, uma criança linda de olhos azuis. A primeira é filha de uma prostituta; a segunda, de mãe solteira que sumiu deixando a criança com o juiz. É de admirar que ambas tenham tanta tristeza no olhar? E muitas outras crianças lá estão. Esperando gestos de carinho, gestos concretos. Não palavras.

O LAR JESUS MENINO — a creche de Taboão da Serra — a creche que a Irmã mantém com tanta luta — esse lar, essa creche, essas crianças, lá estão. Uma casa rosa numa praça pequena, embaixo da ladeira, cercada de morros, pertinho da favela. E agora? Ninguém vai fazer nada?

Como vivemos o ANO I DA CRIANÇA BRASILEIRA?



Iniciativa de D. Celso e da equipe de coordenao da Região Ipiranga.

Este folheto tornou-se realidade graças  colaborao das Edioes Loyola, dos padres e irmas da Pia Sociedade de São Paulo, da Editora Verbo Divino e dos Padres Salesianos que, sem sombra de dvida, colaboraram fazendo ou dando a quantia equivalente a 50 mil exemplares.

Aguardamos uma resposta da Editora Vozes, mas pelo acolhimento do pedido, antecipadamente agradecemos, bem como aos Padres do Corao de Maria, que se propuseram no próximo ano fazer uma campanha através da Revista Ave Maria.

A cada um dos colaboradores o agradecimento especial de D. Celso que se sente profundamente responsável por este presépio vivo de nossa Região Ipiranga.

Nos domingos 16 e 23, em todas as paróquias da Arquidiocese serão distribuídos 250 mil folhetos a que fazemos referência aqui. Recebam, leiam com carinho e não se esqueçam de dar o seu presente... por menor que ele seja será muito importante para quem nada tem.

Ir. M. da Imaculada

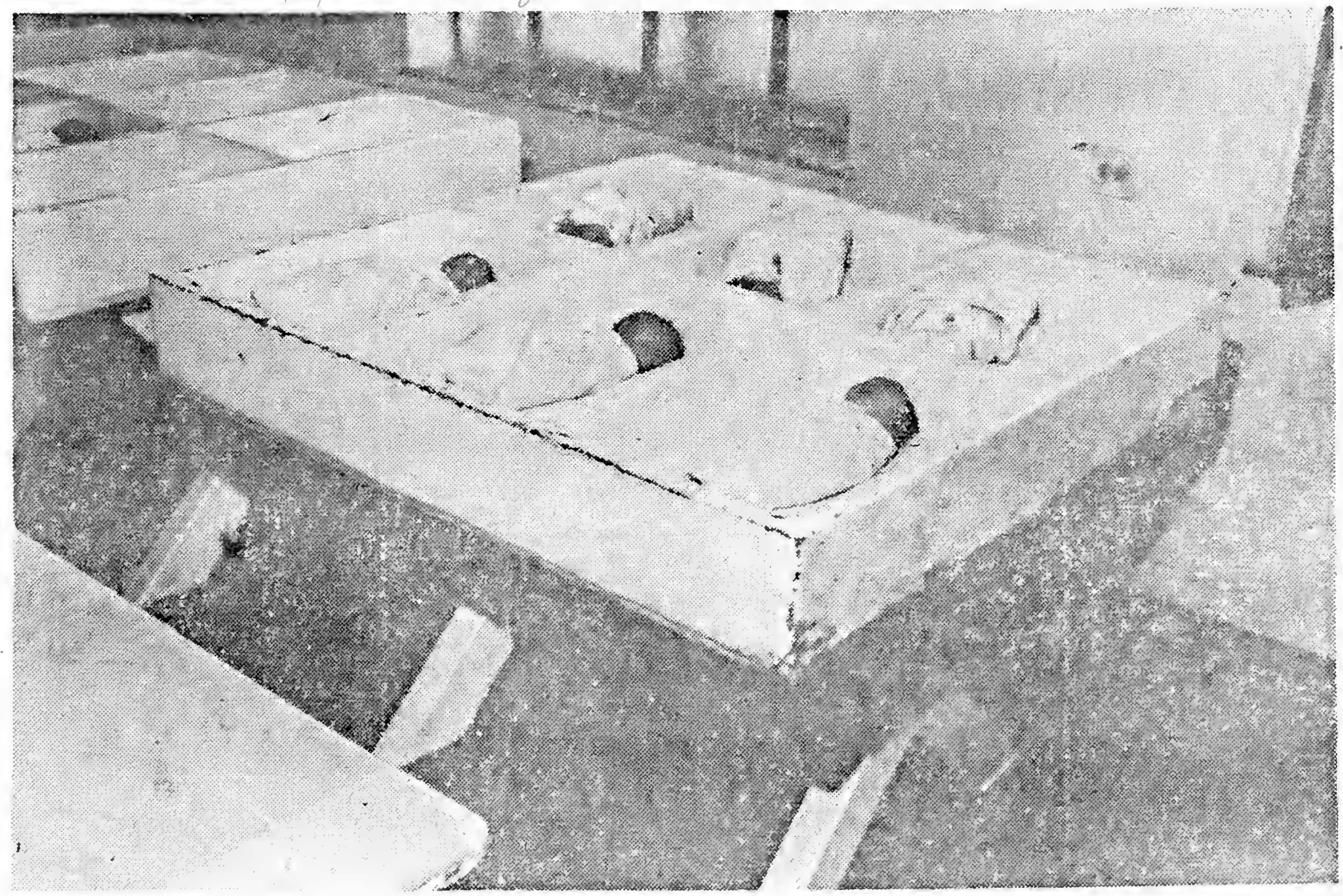


UM NATAL DIFERENTE

Este ano, para nós, o CRISTO vai nascer de verdade
na RUA LOEFGREN N.º 1.901.

Não diga que não foi convidado, que não sabia.
Conheça este PRESEPIO onde CRISTO-criança nasce 30 vezes ao dia.
todos os dias do ano

Como ajudar o amparo maternal



Cristo vai nascer de verdade na rua Loefgren, 1901. Não diga que você não sabia: é no Amparo Maternal que Cristo-criança nasce 30 vezes ao dia, todos os dias do ano. Como não ajudar essa instituição? Última página

Amparo Maternal

Uma nova Belém de 12 mil habitantes a cada ano:

— Atendem às MÃES DESAMPARADAS, sem recursos, sem INPS; Aqui nascem 30 crianças por dia; Depois do parto, atende às Mães e às crianças sem casa, repudiadas pelos familiares, amigos ou patrões.

UM APELO DO AMPARO

Ajude-nos a pagar as DÍVIDAS, para que Cristo continue nascendo e sobrevivendo no Amparo Maternal:

NOVE MILHÕES DE CRUZEIROS

A NOSSA RESPOSTA: ★ Neste NATAL uma das 12 mil crianças do AMPARO será a nossa Criança.

★ Entrará na Lista das pessoas a serem LEMBRADAS E VISITADAS.

★ Receberá o nosso PRESENTE.

Está aqui uma mensagem e um Convite da Igreja em São Paulo, aos cristãos e a todas as comunidades.

PRESEPIOS DO SENHOR JESUS

Presépio 1: "O ventre de uma jovem mulher, uma Maria qualquer, Maria das Graças, Maria das Dores, da Cruz.

Mulher violentada à noite, quando voltava da Escola.

Maria da solidão, sem amor dos pais, que se entregou sem perceber a uma promessa rápida.

Maria Doméstica, enganada pelo filho da patroa.

Maria Jogada fora de casa, posta na rua para acabar na vida.

Maria Presépio: é Jesus buscando apoio, compreensão, perdão...

PARA PODER NASCER.

Presépio 2: Rua Loefgren, 1901.

Jesus nasce 30 vezes por dia.

Não nasce em casa, porque não tem casa.

Não nasce na maternidade porque não tem dinheiro.

Não nasceu no hospital porque não tem INPS.

AMPARO MATERNAL UMA NOVA BELÉM DE 12.000 HABITANTES A CADA ANO.

Presépio 3: O coração da Igreja que quer gerar o Cristo a partir do amor pelos pobres.

Igreja paróquia, comunidade, grupo, igreja-cada cristão...

Igreja sofrendo as dores do parto. Chegou a hora!

Jesus quer nascer, mas precisa de nossa solidariedade, de nosso auxílio fraterno!

É Natal! Como os pastores, animemo-nos uns aos outros; "vamos até o Presépio"... para ver o que está acontecendo, mas, sobretudo, PARA AJUDAR O MENINO NASCER!"

D. Celso Queiroz — Bispo da Região Ipiranga.

Você sabe quanto custa a manutenção de uma MÃE e de uma CRIANÇA no AMPARO?

— MIL CRUZEIROS por leito é o que o AMPARO GASTA.

— TODO DIA nascem 30 crianças.

— Até o fim do ano o AMPARO terá que pagar esta DÍVIDA agravada, além das previsões, por causa da inflação:

— Material cirúrgico Cr\$ 3.500.000,00

— Reposição de Roupas .. Cr\$ 500.000,00

— Medicamentos Cr\$ 700.000,00

— 13.o e aumento de salários Cr\$ 950.000,00

— Dívida anterior Cr\$ 4.000.000,00

TOTAL Cr\$ 9.650.000,00

QUEM MANTÉM O AMPARO:

★ É uma entidade particular, de utilidade pública, que atua desde 1939, através de donativos e convênios.

RECEITAS:

★ Convênio com a Prefeitura.

★ Secretaria da Saúde: paga apenas Cr\$ 140,00 para cada leito-dia.

★ DONATIVOS do povo e comunidades.

A QUEM ATENDE:

17.659 pacientes internadas no ano; 12.115 nascimentos; 64.726 leitos-dias ocupados.

OUTRAS ATIVIDADES:

★ ALOJAMENTO para 1.968 mães desamparadas

★ CRECHE para 40-50 crianças

★ COMUNIDADES DE MÃES: residências para mães e crianças com apoio de casais das comunidades.

O QUE FAZER NESTE NATAL?

A sua participação e colaboração é indispensável. O AMPARO MATERNAL conta com você.

COMO COLABORAR?

A Região IPIRANGA como o Bispo, os padres e todas as comunidades, sugerem uma das seguintes iniciativas a serem realizadas na semana do NATAL.

1. Reparta o seu PRESENTE DE NATAL: leve a metade do seu valor em roupas, gêneros ou dinheiro, para uma criança do AMPARO.

2. CRIANÇA-IRMÃ: cada criança, este ano, ofereça alguma coisa a uma das crianças do AMPARO MATERNAL.

3. Pague o DIA DO NASCIMENTO de uma criança: Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros), corresponde ao que se gasta num dia para cada mãe e criança internadas.

4. COLETA DE NATAL: todas as comunidades e paróquias entregarão as ofertas da Igreja no dia de Natal para pagar as dívidas do AMPARO MATERNAL.

QUANDO: Durante toda a semana de Natal você pode entregar a sua contribuição.

ONDE: ★ Na sua Paróquia ou Igreja mais próxima.

— Na sede do AMPARO MATERNAL. Rua LOEFGREN, 1.901 — V. Clementino — Telefone: 70-2546.



Gabeira, da luta armada à política do prazer

*O ex-sequestrador continua a
fazer política, mas a seu modo*

Entrevista a Flávio Carvalho
e Roldão de Oliveira
Fotos de Vânia Toledo

Na década passada o jornalista Fernando Gabeira estava entre os militantes de algumas organizações armadas que lutavam contra a ditadura. Um dos feitos mais notáveis desses grupos foi justamente o que deu mais celebridade a Gabeira: eles carregaram o representante máximo do imperialismo americano no Brasil — o embaixador americano Charles Burke Elbrick — para um aparelho clandestino, onde o submeteram ao vexame de ser trocado por vários presos políticos, à humilhação de ter de comer pizza carioca requentada e ter de ouvir longas explicações sobre o movimento black power americano. Depois, Gabeira foi preso e baleado — uma bala lhe perfurou o estômago —, submetido ao costumeiro tratamento de torturas da polícia política e banido do país.

Mas esses são feitos de outra época, de outro Gabeira, que estão no livro "Que é isso, companheiro". Do exílio para cá surgiu outro Gabeira, o que aparece na capa das revistas, em longas entrevistas, em conferências estudantis. Aos 39 anos, teria até mesmo um fã-clubes juvenil, como mostram reportagens sobre ele, publicadas em revistas de grande circulação como Veja e Isto É. É um Gabeira reformador dos costumes, cujo passado parece não importar muito e do qual uma parcela de seus admiradores apenas localizam vagamente: "parece que ele aprontou alguma em 69". O que não tem muita importância, segundo Gabeira: os jovens estão mais preocupados com o visual que com o histórico e a ficha de antecedentes. Nesta entrevista a Movimento ele conta como passou da militância partidária clandestina e violenta à ecologia e à política do prazer, e explica o que pretende fazer além de frequentar restaurantes vegetarianos, dar entrevistas e ir à praia num visual de sunga de crochê. Além do "folclore", como ele mesmo diz, a preocupação é continuar fazendo política, mas a seu modo.

Movimento: Para as pessoas que tomaram conhecimento de quem seja Gabeira a partir da imprensa, a leitura de seu livro "Que é isso, companheiro", não é muito reveladora. O livro não ex-

plica o atual Gabeira, mas se detém no exílio. O que acontece nesse lapso?

Fernando Gabeira: Esse lapso de informação será coberto por outro livro, que se chamará "O crepúsculo do macho", que dá uma idéia do processo de transformação que ocorre a partir daquele momento, quando deixo o Brasil até o momento que volto. Esse momento que existe entre o que fala o livro e minha imagem atual talvez você possa reduzir a alguns aspectos principais. Talvez o aspecto principal tenha sido uma superação de algumas lacunas do marxismo através da antropologia, como o qual comecei a questionar algumas omissões do marxismo no sentido de aprender, por exemplo, o aspecto progressista da religião. Eram lacunas que impediam de apreender a especificidade das lutas das mulheres, que me impediam de formular teoricamente as lutas das minorias raciais e das minorias étnicas. Nesse tripé teórico talvez tenha se dado o caminho da transformação, mas esse caminho da transformação nunca se dá em bases puramente teóricas, se dá também em base de observação política de fenômenos sociais. Do que assisti e mais me impressionou, destaco o movimento feminista na Europa — que surge em muitos casos à revelia e até mesmo contra a vontade dos partidos políticos — e o movimento ecológico que coloca uma série de questões novas que estavam também fora do horizonte dos partidos políticos.

Movimento: Mas isso não pode ser ainda detectado na sua experiência brasileira?

Gabeira: Em parte pode. A ecologia não tinha ainda, no Brasil, naquela época, caracterização enquanto ecologia mesmo, embora existissem já as lutas ecológicas, mas somente depois elas vão assumir o rótulo de ecologia, já na década de 60. Mas a luta feminista já era uma luta surda no interior das organizações políticas.

Movimento: E quanto ao uso externo que as organizações e a imprensa faziam das mulheres, especialmente no caso das famosas "louras dos assaltos"?

Gabeira: Sim, isso aconteceu, mas todas as "louras dos assaltos" se afirmam num espaço machista, porque elas todas atacam de surpresa. A loura era assim um símbolo da beleza e até da fragilidade que aparecia nos assaltos como uma possibilidade de desarmar os espíritos. As pessoas desconfiavam de todas as pessoas, menos de uma loura.

Muitas das mulheres que atuaram na esquerda foram assim utilizadas no espaço do machismo, do adversário, aproveitando a expectativa do adversário de que jamais partiria uma ação violenta ou subversão de uma mulher com uma cara tão feminina. Era uma divisão bastante duvidosa. Ao nível de divisão de práticas, as mulheres estavam correndo os mesmos riscos e desenvolvendo as mesmas tarefas, mas acontece que a supremacia masculina se dava ao nível da formulação política. Mas, o nível das lutas nas organizações e na sociedade ainda não era suficiente para definir com clareza essa luta com a nitidez, como ela explodia na Europa e Estados Unidos.

Movimento: Mas ao nível de questões pessoais, como reagiam as organizações, como eram resolvidos os problemas entre pessoas dentro de um partido?

Gabeira: Tais questões nem eram chamadas pessoais, mas sim questões ideológicas, todos os desvios de comportamento que pudessem ser considerados prejudiciais aos objetivos da revolução eram considerados como ideológicos. Por exemplo: se você estivesse apaixonado por uma moça e se recusasse a ser transferido de uma cidade para outra, e se você usasse o argumento de que estaria mais feliz na mesma cidade dela atuando junto com ela, aquilo ia ser interpretado como problema ideológico, pois você estava sujeitando as tarefas mais importantes da revolução a uma necessidade pessoal. Portanto, a questão era vista através de um prisma de eficácia, de uma estratégia e uma tática para a revolução. Não que o marxismo seja o responsável por essa distorção, mas essa distorção se torna facilitada e viável dentro do marxismo, à medida que o marxismo tem na sua estrutura teórica básica a concepção de que o ser determina a consciência. Como o núcleo do ser são as relações sociais de produção, como se entende que as relações econômicas são determinantes dentro das relações de produção, fazíamos a seguinte leitura: as relações sociais de produção são as mais importantes, o que é verdade. Dentro das relações sociais de produção, a economia é a mais importante, o que também é verdade; é transformando as relações sociais de produção sobretudo as relações econômicas, que nós vamos marchar para a construção do socialismo. Então, tudo que não esteja dentro dessa ótica passa a ser visto como coisa secundária. Além disso, as pessoas não eram importantes. O impor-

tante, como se sabe pelo marxismo, são as classes sociais, que a transformação da sociedade se dá pela confrontação das classes sociais. Blocos de classe e frações de classes contra outros blocos de classe e frações de classe. Ao dizer que as relações sociais de produção são fundamentais, o marxismo está dizendo uma verdade; ao dizer que as relações econômicas são determinantes em última instância, ele está dizendo uma verdade também, mas isso não exclui a existência do indivíduo.

Mas essas sutilezas não nos ocorriam porque o marxismo não tem uma psicologia.

Movimento: Nunca ocorreu discussões sobre essas mediações?

Gabeira: Sim, elas ocorreram, mas havia insuficiência teórica. E as mediações debeis do marxismo conduzem imediatamente a reduções. Primeiro em reduzir as relações sociais de produção a relações puramente materiais. Ou reduzir as lutas de classe apenas à atuação das classes sem compreender o papel dos indivíduos. Então, a questão era sempre simplificada: por trás de nós existe o proletariado, por trás deles existe a burguesia, e há um choque entre o proletariado e a burguesia...

Para mim, o erro fundamental era que as ações políticas se davam num contexto isolado das lutas de massas. Porque as questões pessoais corriam em um contexto muito conflituoso, porque questionavam o espírito de sacrifício que havia nas bases das organizações. Você sabe que a luta existe em cada um desses momentos é uma luta entre a decadência e o sacrifício. O indivíduo decadente é visto como aquele que se dedica a cuidar de seus interesses pessoais em detrimento do coletivo. O heróico, o revolucionário, é o que se dedica a questões coletivas e esquece em certos momentos até ele enquanto indivíduo.

Ou seja, só era possível não desbundar se você não questionasse muito os problemas que estavam latentes. Caso contrário, você teria de repensar as coisas. Mas aí, repensar a luta armada significava desbundar. Mesmo que esse repensar fosse se dedicar a uma luta política. Mesmo se você se dedicasse 24 horas à luta política e não à luta armada, aquilo era considerado desbundar. Quer dizer, você estava saindo do front armado, que era mais importante, estava deixando de lado os perigos, o que despertava até um certo desprezo pela luta política. Naquele tempo então, do modo como as coisas estavam, levantar problemas pessoais podia levar

até a decomposição das organizações.

Foi também um movimento defensivo. O interessante é que as nossas preleções ideológicas se tornavam cada vez mais exacerbadas à medida que a situação se mostrava cada vez mais complicada. Quanto mais medo a gente tinha de desbundar, mais exacerbadas eram as autopreleções ideológicas. Tínhamos medo de abandonar aquela luta e nos dedicar a uma luta exclusivamente política, o que não era necessariamente desbundar, a não ser no horizonte político daquela época. Era, pura e simplesmente, se adaptar a uma dinâmica da luta de classe do próprio país, que era basicamente pacífica. Onde a violência estava sendo colocada de forma mais aguda era da parte das classes dominantes, e da parte das vanguardas, pois da parte do movimento de massas mesmo não se colocava a violência de uma forma tão aguda, nem como violência organizada nem como transformação violenta. Tanto que as lutas que se seguiram depois de nosso desaparecimento no horizonte político, foram lutas essencialmente pacíficas, com poucas exceções, exceções que não marcaram o processo de evolução da democracia no Brasil, que foi basicamente marcado por lutas pacíficas, que começam a apontar nas eleições de 1974, que vão se desenvolvendo ao longo dessa crise.

Movimento: Então as ações armadas e violentas não teriam a mesma importância das lutas pacíficas? Que você acha da visão segundo a qual a violência só serviu para aglutinar a direita?

Gabeira: Bom, essa é uma visão do PCB, é uma visão conspirativa da história, imaginar que a luta armada serviu para aglutinar a direita e colocar a direita em condições. De certo modo é verdade, a direita se aproveitou disso para se reestruturar ali por volta de 1968, quando se deu o AI-5. Mas não são essas as únicas razões que determinaram o fechamento naquele período. A luta das esquerdas foi um pretexto, mas estava se desenvolvendo também um processo de luta interna no interior das classes dominantes. Tanto que o AI-5, quando surge no horizonte, ainda não é uma reação e um fruto da luta armada, mas sim do processo político e econômico que se iniciava, e do movimento de massas que chegou até a manifestação dos cem mil e que impôs um diálogo com o Costa e Silva. É ridículo dizer que o AI-5 surgiu como decorrência da luta armada. É o AI-5 que concretiza a reorganização da direita. Primeiro porque as ações de importância na época eram ações de massa, e segundo porque as ações armadas não se reivindicavam enquanto tal. Exceto, é claro, um assalto a um carro pagador, que era atribuído ao Marighella.

O mais importante, que eu penso, é que não devemos antagonizar luta armada e luta pacífica. O que acontece é que as lutas que se dão depois de 1973 não são mais lutas de vanguardas, sejam elas lutas de vanguardas armadas ou pacíficas, elas se tornam lutas de massa, o que é um dado fundamental. Depois de 1974, embora as posições referentes às eleições fossem diferentes

(voto no MDB, voto programático e voto nulo) a verdade é que o país se revelou de forma oposicionista. Daí em diante ocorrem modificações importante nas lutas. Não são mais os estudantes que lideram as lutas, são agora os operários que participam de greves, sobretudo entre os metalúrgicos, que se tornam motor da oposição. São transformações muito mais importantes de se levar em conta que antagonizar o movimento armado ao movimento pacífico. Mas a verdade é que o movimento de massas que surge depois de 1974 jamais colocou a violência no seu horizonte imediato. A verdade é que a questão da violência é colocada na ordem do dia por vanguardas, seja pelos dirigentes do Partido Comunista do Brasil que se consideram — eles devem ter suas razões para isso — uma vanguarda da revolução socialista e consideram que o caminho é um caminho armado ou então por pessoas no interior do Partido Comunista Brasileiro, que hoje não estão seguras se o caminho é hoje armado ou não. Basta notar que as declarações de Prestes a partir de um certo momento

da luta interna do PCB têm revelado essa dúvida. A verdade porém é que os movimentos de massa, em suas dinâmicas, ainda não colocaram a questão da luta armada.

É o caso de se perguntar se o movimento de massas coloca isso alguma vez. Pode até ser que a questão da colocação da forma de luta seja sempre uma tarefa da vanguarda. Mas pelo que tenho visto, e tenho visto pouco, existe pouca ressonância no movimento de massa para as pregações sobre a luta armada. A sensação que tenho é de que todos se consideram vivendo uma fase essencialmente política, e que vão desenvolver uma fase de luta democrática dentro de um quadro essencialmente político, no qual a violência é muito mais uma atitude do adversário.

Movimento: E quando se trata da violência espontânea que surge nos linchamentos, que não deixam de ser fenômenos políticos, dos posseiros no campo, nas confrontações entre policiais e piquetes? Não há uma fase de

liberação de violência?

Gabeira: Como que eu vejo? Acho o seguinte, realmente há uma violência geral na sociedade brasileira, cuja característica central é a violência das classes dominantes. Tenho chamado muito a atenção para a violência da política contra o cidadão comum, sobretudo a violência que se dá no interior das cadeias brasileiras. Tenho notado também que existe uma reação de violência que nada mais é que uma tentativa popular de sobrevivência, uma violência de pessoas que forçadas a um nível de grande desemprego se dedicam a assaltos para sobreviver.

Tenho notado ainda que existiram manifestações diversas de violência popular no Brasil moderno, sendo um momento bastante grave e tenso dessa situação a greve dos trabalhadores da construção civil em Belo Horizonte. Lá o elemento de violência ficou bastante patente. Mas notei também, quando se colocou a questão da violência, que dois fatores importantes surgiram: 1) As lideranças sindicais, as mais expressivas, se concentraram em Belo Horizonte, com objetivo de deter aquele

processo de violência. A perspectiva que esses sindicalistas deram ao movimento, que estava meio acéfalo, era de que a violência que havia ocorrido era prejudicial ao movimento operário. 2) Também me pareceu interessante: a classe operária, no seu curso histórico, em suas lutas democráticas, em suas lutas pela consolidação de suas posições, necessita muito de conquistar aliados. A classe operária não consegue realizar as tarefas de transformação, mesmo as democráticas, se ela não cria um amplo bloco de aliados. Em Belo Horizonte, o que me pareceu muito grave é que o governo conseguiu, através da própria violência desencadeada que se deu nas ruas, colocar uma cunha entre os trabalhadores e a classe média mineira. Portanto, é verdade que a violência surgiu no movimento de massas, várias vezes, mas como violência exterior a ele. No momento, a violência pode prejudicar e isolar a classe operária e fortalecer a repressão.



O próprio Marx se envergonharia da gente se não incluíssemos a realidade nos esquemas dele. Ele diria: "Poxa! Mas que marxistas são vocês!"

A violência explode realmente, mas esse não é o tipo de violência com a qual possa se contar num partido, não é uma violência de uso tático ou estratégico. Uma coisa é uma explosão de violência contra a polícia, outra coisa é a violência que você pretenda canalizar e organizar como numa guerra popular prolongada.

Outra coisa importante de ser levada em conta é a presença constante do machismo nas manifestações, tanto do presidente da República como da oposição: quando Figueiredo diz que vai sair no tapa para defender a dignidade do cargo, é uma contradição óbvia; que dignidade um estadista vai defender a tapas no meio da rua? Outra coisa: quando a esquerda que estava ali, numa manifestação pequena, procura ofender o presidente, usa uma ofensa que só tem sentido na cultura latina. A expressão filho da puta só tem sentido na nossa cultura, ela só é sentida como ofensa na nossa cultura. Em qualquer outro país do mundo em que o presidente fosse um filho da puta ele seria duplamente admirado... ele tinha vindo de uma mãe que enfrentou muitas dificuldades, batalhou muito e finalmente chegou até aquele posto.

Mas, acho que de fato a questão da violência ainda é pouco compreendida; a violência vai ser um dos grandes temas de qualquer processo político que se coloque no Brasil.

Movimento: Voltando ao modo como os partidos encaram essas questões meio "exóticas", uma militante do Comitê Central do PCB, Zuleika Alembert, entrevistada por Movimento, diz que questões como sexo, por exemplo, fazem parte do feminismo de classe média, de pessoas que já resolveram as questões de estômago, que essas questões forem levadas para dentro da fábrica a classe operária se pega no pau...

Gabeira: Eu conheço bem essa colocação. Ela revela um desconhecimento a respeito das classes trabalhadoras e dos pobres. Os comunistas mais ortodoxos e menos esclarecidos reduzem os trabalhadores às suas necessidades alimentares mais elementares. Eles pensam assim: os trabalhadores têm de ter primeiro a solução para o problema da fome, depois solução para seus problemas emocionais, afetivos, sexuais. Reduzindo o trabalhador apenas às suas necessidades mais elementares eles fragmentam a pessoa do trabalhador. A prática tem mostrado que o trabalhador não quer apenas comer. Além de comer ele quer também ter acesso a possibilidades de felicidade que outros setores sociais têm. A classe média ao falar dos trabalhadores parece dizer assim: vocês ainda não podem se dar ao luxo de ter preocupações sexuais, vocês ainda são seres assexuados. Vocês só serão sexuados depois que começarem a comer. No fundo é uma perspectiva castradora em relação aos trabalhadores. Quer dizer: fiquem 70 anos sem pensar nessas questões que nós vamos fazer uma revolução socialista que vai te dar comida e depois pensamos na questão sexual e na felicidade.

Movimento: Isso é simplesmente reconhecer, mesmo em moldes ortodoxos, que o que se exige como reprodução de força de trabalho não é apenas uma espécie de cesta de alimentos determinadas pelo salário mínimo, mas deve suprir diferentes necessidades para se reproduzir...

Gabeira: Exato. Basta ver que para a classe operária a televisão já faz parte da reprodução da força de trabalho. A reprodução da força de trabalho não pode ser apenas uma reprodução física. Pois, você não é apenas um ser que come apesar de comer ser fundamental, então você

morre — mas é necessário ter também uma série de sonhos e ilusões. Tanto que o próprio Marx, quando fala em mercadorias, fala em mercadorias necessárias à reprodução da força de trabalho, ele fala em uma cesta de mercadorias, mas mercadorias tanto faz se é para satisfazer a necessidade do corpo ou do espírito, isto ele mesmo é que fala. É fácil ver hoje, para a classe operária, que a televisão faz parte da reprodução da força de trabalho. As pessoas que vão visitar as favelas, ficam putas da vida quando vêem as casas com antenas de televisão e dizem: imagina, tanta miséria e o luxo de uma televisão. Elas acham que a classe operária tem de ter uma certa hierarquia nos seus gastos. Elas acham que o pobre deveria primeiro ser limpinho, se alimentar direito e depois de realizar uma certa poupança pensar em comprar um aparelho de televisão.

Um puritano vai dizer ao operário: não compre uma televisão agora!

Movimento: Quando você fala em puritanismo, como você precisaria melhor a acusação que você faz em entrevista à revista *Veja*, da UNE ser estreita?

Gabeira: Bom, aquela crítica que eu fiz à UNE ficou capenga, porque eu deixei de lado o aspecto fundamental da UNE: é uma entidade heróica na luta contra a ditadura, que foi e é responsável por várias das lutas mais importantes desenvolvidas nos últimos anos. A apreciação que fiz da UNE ficou incompleta porque eu suprimi o passado histórico, mas a crítica se justifica porque a UNE, hoje, com mais de um milhão e meio de estudantes, ainda não tem a abertura para tratar de certos temas políticos que ampliem sua audiência entre os estudantes. Tenho visto em minhas andanças pelo Brasil que os estudantes consideram a UNE uma coisa séria demais, bodeada demais, solene demais, rígida demais, quando na verdade talvez eles estivessem mais interessados em discutir questões mais próximas do desenvolvimento deles próprios. A questão das drogas, por exemplo, sobretudo das drogas leves. O Brasil é um país onde a legislação punitiva sobre drogas leves é muito pesada, as pessoas passam por humilhações e dificuldades quando tentam exercer um direito elementar e fundamental, que é fazer do corpo o que quiser. Então, pessoas que fumam maconha são submetidas à humilhação de prisões. Então, seria um começo de se saber que tipo de debate haveria para se formular, no movimento estudantil, democraticamente, uma política sobre este tipo de questão. Outra questão, que atinge a jovem universitária, e que vai atingir as mulheres brasileiras de certo nível, que futuramente precisa ser discutida, é o direito humano inalienável de dispor do próprio corpo, que é a questão do aborto. Esses não são ainda temas políticos, ninguém fala disso. Mas os temas políticos às vezes nascem no banheiro — quantas inscrições homossexuais a gente vê no banheiro — depois elas passam para os muros. Dos muros passam para os programas...

Então, as questões das drogas, do aborto, são sussurradas porque ainda não ganharam o status político-programático. Mas são dois problemas políticos fundamentais da juventude brasileira.

Movimento: Depois da crítica da UNE, você tem também criticado posturas em pessoas de esquerda que fora de casa são liberais mas tratam a mulher de outra maneira, não ligam para os filhos. A crítica concentrada na esquerda significaria que a direita faz coisa melhor? Você vê experiências positivas dentro da esquerda?

Gabeira: Claro, o machismo é muito mais forte na direita que na esquerda. O machismo só é criticado na esquerda porque aí ele é uma excrescência, é uma contradição violentíssima.

Que a direita é machista todo mundo dá de barato. Na esquerda, o machismo é mais criticado porque é mais intolerável.

Achei interessante a esquerda ter reagido positivamente ao debate sobre o machismo. Tenho notado um interesse e abertura da esquerda para o assunto, de avançar nesse campo.

O próprio partido comunista, se você vir como um lado de direita, você nota que ele absorve o tema, só que ele absorve de forma parcial. Mas já é um progresso. A colocação da Zuleika, digamos, já é um progresso em relação à colocação de uma mulher da Arena, ou mesmo até em relação a uma mulher emedebista. Portanto, o panorama é positivo, há uma tentativa de superação permanente.

Mas há muitos que a esquerda precisa tomar consciência. Por exemplo, o da separação do pessoal e do público, que é um mito tipicamente burguês. É supor que não existe uma política do cotidiano, uma política interpessoal. É a pessoa pensar que vai fazer política no espaço da demonstração de ruas, no espaço das reuniões políticas, e não notar que está fazendo política ao fazer amor com a mulher, em certo sentido. A maneira como ele toca a mulher, como ele encara a sexualidade da mulher, é uma concepção política.

Existem elementos positivos no interior da esquerda, nesse sentido, mas são ainda muito embrionários. Eu disse no começo da resposta que a direita é mais machista, mas veja você: se você ouve uma música como o Superhomem, do Gilberto Gil, você vai perceber uma formulação a respeito do machismo que é mais avançada que a de um militante comum de esquerda. Enquanto homem, o Gil chega a um questionamento de seu lado macho ou apenas masculino. Ele diz assim: espera aí, me disseram que meu lado feminino

não é uma qualidade? Meu lado feminino é uma qualidade, tenho que incorporá-lo também, pois foi a cultura que me fez romper o masculino e o feminino tão rigidamente. Ele assume isto, e qual militante de esquerda que sequer tem consciência disso? São raros. Então, a direita é machista mesmo e jamais vai se afastar do machismo. A esquerda avança timidamente nessa direção ao ponto de setores considerados alienados ou não-militantes estarem formulando mais claramente a questão. Ou então, vivendo mais avançadamente que o militante de esquerda. Essa cisão eu acho esquizofrênica.

Movimento: E quanto ao homossexualismo?

Gabeira: O que eu vi de mais progressista na questão homossexual tem sido uma luta que busca questionar a rigidez dos papéis sexuais, uma luta que não é só uma luta pela afirmação da liberdade de relações homossexuais, mas uma luta no sentido de criticar a sociedade patriarcal burguesa. Nesse sentido existe uma diferença de qualidade entre a prática que visa pura e simplesmente a uma reprodução das relações heterossexuais com seus mecanismos de dominação e uma prática homossexual que é um questionamento também das práticas de dominação heterossexual.

Não se pode achar, portanto, que o movimento homossexual seja em si um movimento revolucionário. Ele coloca no seu horizonte uma série de lutas que podem e devem ser absorvidas pelos países democrático-burgueses. No caso sueco, por exemplo, o movimento homossexual alcançou várias conquistas como o reconhecimento dos casais homossexuais diante da lei. Conseguiram também eliminar as designações e classificações de "homossexual" das formulações oficiais. O interessante é que o movimento homossexual na Suécia não se limita apenas à questão homossexual, mas sobre toda uma política sexual. Eles são também organizados e desfilam nas manifestações ao lado dos operários, estão ligados a um bloco político...

Movimento: Você tem falado muito das "lacunas" e "desatualização" do marxismo. Como você reescreveria um Manifesto Comunista?

Gabeira: Acho que o Manifesto Comunista tem a grande possibilidade de distorção que a gente está discutindo ao longo de toda essa entrevista: a redução da satisfação das pessoas aos aspectos estritamente materiais. É impossível haver satisfação sem que os aspectos materiais sejam cumpridos, mas a questão é muito mais complexa. Por exemplo: quando se coloca a questão da fome, se deve colocar também a questão da fome de amor. O grande problema que a gente vive no mundo moderno é o da insatisfação sexual, da insatisfação afetiva.



A classe média ao falar aos trabalhadores parece dizer assim: “Vocês ainda não podem se dar ao luxo de ter preocupações sexuais”

E ilusão supor que esta insatisfação sexual e afetiva será resolvida, pura e simplesmente na base da apropriação coletiva dos meios de produção. Se fosse assim as pessoas não estariam se afogando em vodka, na União Soviética. O Manifesto Comunista não coloca toda a amplitude das possibilidades sexuais, que não podem ser reduzidas à reprodução pura e simples. É um aspecto que eu colocaria num manifesto moderno: a política sexual.

Outro aspecto obrigatório é uma nova relação com a natureza. É verdade que Marx formula muito rigorosamente a questão da relação com a natureza, mas, naquele período, esta relação ainda não tinha chegado ao ponto a que chegou agora, graças ao desenvolvimento anárquico do capitalismo e à maneira como o socialismo encaminhou seu crescimento. Hoje, a questão da relação com a natureza é urgentíssima. Saber que a natureza é feita de recursos perecíveis, que é preciso de alguma maneira preservar estes recursos e recuperar o que já foi destruído sistematicamente, é uma coisa fundamental. Nesse sentido, o marxismo não apresenta uma formulação específica.

Eu incluiria mais. Um modo de pensar o progresso que não fosse pura e simplesmente baseado no crescimento das riquezas materiais, que tivesse como perspectiva também a preservação da natureza e da recuperação da natureza.

Acho que o Manifesto deveria reconhecer a primazia da luta de classes mas também a autonomia de uma série de lutas que são fundamentais, como o feminismo e sobretudo a autonomia das lutas das minorias étnicas, de nações que vivem num processo histórico especial.

Esse aspecto o Manifesto Comunista não absorve. Esse e muitos outros que vão aparecendo na medida em que a humanidade evolui. Na Suécia eu vi manifestações que escandalizariam muitos brasileiros. Lá saiu uma lei permitindo às crianças se separarem dos pais quando acharem que eles são violentos ou chatos demais; vi manifestações de surdos mudos contra a TV, que não estava produzindo programas com legendas suficientes para terem uma diversão à altura; vi velhas protestando contra a repressão sexual nos asilos; loucos reivindicando maior autonomia na formulação política dos hospitais. Essas coisas não estavam no horizonte de Marx, o que não significa que não devem estar no nosso horizonte. O próprio Marx se envergonharia da gente se não incluíssemos a realidade nos esquemas dele. Ele diria: “Poxa! mas que marxistas são vocês!”.

Duvido ser possível surgir um humanismo que ignore essas minorias. É muito difícil também um humanismo que não passe pela superação da nossa necessidade de trabalhar, muito difícil um humanismo que não nos liberte do trabalho, o que é um grande constrangimento. Nesse sentido o marxismo é de uma grande perspicácia uma vez

que prevê que um dos elementos fundamentais para a superação da nossa infelicidade é a superação da necessidade de trabalhar. Nisso eu incluo uma coisa fundamental em termos históricos prospectivos, mas a verdade é que, a pura e simples produção material de riquezas que te liberta do trabalho e te permite escolher suas atividades, não significa ainda a felicidade.

Por que é que num momento em que você não esteja trabalhando você não pode puxar um fumo para assistir um crepúsculo? Porque as pessoas que já se libertaram do trabalho, já cumpriram suas obrigações não podem ter relações que não sejam interssexuais? São essas questões que a análise da felicidade marxista não responde. Normalmente essa colocação da felicidade ao nível material leva a ficções sobre o homem comunista, libertado do trabalho. O que ele vai fazer? Provavelmente é um cara que vai ficar te aborrecendo porque você está fazendo amor com seu amigo, porque te viu puxando fumo e assistindo um pôr do sol.

Movimento: E agora, no presente mais concreto o que você pretende fazer além de dar entrevistas, frequentar restaurantes vegetarianos e ir à praia com sunga de crochê?

Gabeira: Ah, o folclore... Minha perspectiva, primeiro, é de acompanhar os movimentos que existem, me colocar à disposição deles. Eu fiz uma volta pelo Brasil para divulgar um pouco o meu livro e minhas idéias. Quero ser propagandista do movimento ecológico, do movimento dos negros, do movimento das mulheres. Não pretendo, de maneira alguma, exercer algum tipo de liderança, de maneira nenhuma usufruir desse movimentos, pelo contrário, minha posição é me colocar à disposição deles. Creio que posso dar uma contribuição muito grande rompendo preconceitos do movimento feminista em relação ao movimento operário e vice-versa.

Movimento: Portanto você não está preocupado com um possível impasse partidário, de formas de organização das vanguardas que pretendam conduzir uma transformação...

Gabeira: Existem preocupações mais contemporâneas. Quase tudo que existe sobre organização partidária está no "Que fazer?", que foi escrito por Lênin em 1902 e que circula ainda hoje como ponto de referência e é usado em grupos de estudo etc. Só que as condições do "que fazer" foram alteradas. Como explicar o "Que fazer" na Suécia para construir um partido marxista-leninista?

Eu jamais pensaria em me organizar em termos marxistas-leninistas. Em primeiro lugar porque eu não vivo mais no horizonte histórico em que o marxismo-leninismo se estruturou. Em segundo lugar, acho que o marxismo-leninismo foi uma resposta importante em determinado momento mas não aceito mais o marxismo-leninismo como uma resposta para todas as questões. Hoje em dia estou muito mais interessado em participar de um movimento rumo ao socialismo que deixe em aberto as questões para as quais não tenhamos suficiente honestidade para responder, para as quais só haveria resposta no terreno da ficção. Um movimento deste tipo seria muito mais flexível, muito mais permeável que um partido marxista-leninista. Seria um movimento rumo ao socialismo, com várias correntes dentro dele, se ligando de forma muito mais próxima aos movimentos de massa que existem. Algo semelhante existe na Venezuela.

Outras tentativas mais audaciosas existem ainda, como as estruturas em torno do movimento ecológico, que pensa toda a problemática política de acordo com uma nova lógica.

Movimento: Quando se fala em modelos, sejam quais forem, já não se coloca um desapontamento em perspectiva? Você dizia que Cuba inspirou um movimento armado mas depois fez críticas a Cuba, mais recentemente. Não há na esquerda um certo ceticismo quanto a modelos e o modelo ecológico não correria o mesmo risco?

Gabeira: Eu acho que a gente não deve ter só uma visão crítica a respeito dos modelos existentes. Deve ter uma visão crítica em relação à idéia que tínhamos segundo a qual era preciso ter um modelo, um lugar que se encontrava no reino da terra, um lugar onde todas as coisas já estivessem resolvidas, toda justiça já realizada, não é mesmo? A esquerda sempre teve necessidade de produzir estes modelos. Eu conheço pessoas que foram sendo jogadas da União Soviética para China e da China para a Albânia e descobriram lá o território da justiça, sem se questionar, por exemplo, em momento algum, como o território e o reino da justiça estão tão acudados, com apenas três milhões de habitantes num mundo tão grande...

Movimento: Como você está vendo hoje a conjuntura política do país? Você falou aí de uma grave crise econômica...

Gabeira: É, eu falei na primeira entrevista que eu dei no Brasil, de uma grave crise econômica. A esta grave crise política vai se acoplar a econômica, e tenho a impressão de que vai se dar o fechamento político no país num prazo relativamente curto.

Do ponto de vista econômico, as medidas chamadas antiinflacionárias que eles estão desenvolvendo, são medidas que estão resultando num aumento grande da inflação. Acho que será difícil conter a inflação a curto e médio prazo.

Por outro lado, acho que a crise que se configurou por volta de 73, 74, não encontrou uma solução muito fácil. Isto se revelou no Brasil, numa certa maneira anárquica. A gente produziu muitos automóveis particulares sem desenvolver o potencial para alimentá-los. Essa maneira bastante anárquica de produzir, foi criando tensões entre os setores básicos, nos setores infra-estruturais, setores de consumo e uma série de tensões que foram se desenvolvendo e não acharam uma solução para ele. Hoje eu acho que a tendência é de aumentar a inflação inclusive porque o processo político que a gente vive é um processo que vai colocar, permanentemente, a luta dos trabalhadores para recuperar um pouco do poder aquisitivo perdido. E dentro de um processo político um pouco mais aberto você não pode pura e simplesmente negar e reprimir, tem que se chegar a um compromisso. Do ponto de vista da luta salarial eu acho que a tendência vai ser um pouco inflacionária.

Movimento: A luta salarial é inflacionária?

Gabeira: Não, não acho. Eu acho que ela é secundariamente, mas eu acho que vai ser também. O aspecto fundamentalmente inflacionário é o grande capital, o capital financeiro, as tensões que vão se dar aí no interior do próprio capital financeiro. É que aí está o centro da tensão. Mas como a luta salarial vai colocar o problema da inflação e como a burguesia tem um mecanismo de apontar a luta salarial como um grande foco de inflação, eles vão tentar mascarar todo o processo de especulação no mercado financeiro com a luta salarial. E por aí podem buscar também a racionalidade do fechamento, de mostrar que o processo inflacionário que não foi contido está cada vez mais incentivado pelas lutas sociais que existem no país. Então eu sinto que a curto prazo a tendência é de fechamento. No campo do governo, realmente as forças não-liberais estão ganhando um terreno muito grande nos últimos tempos, a nível de imposição de certas posições, a nível de determinação de um esquema de segurança nas visitas de Figueiredo, determinação de relação com a imprensa; já no próprio Palácio do Planalto, todo mundo sente um fortalecimento do grupo chamado "duro", no mesmo tempo um fortalecimento dos setores especialmente repressivos.

Então, o panorama econômico que me parece grave, com tendência a se tornar mais grave ainda, apesar das medidas que eles apresentam como paliativas (tem a da grande safra que esperam, e com a grande safra esperam uma redução da inflação) eu acho que o panorama econômico tende a se agravar, sobretudo porque a gente ficou muito dependente do petróleo e a crise internacional que vai conduzir aumentos no preço do petróleo continua presente. Inclusive com situações conjunturais que agravam ainda mais a crise (o problema do Irã). Então eu acho que a tendência é o fechamento. Eu acho que é uma tendência possível, mas não viável historicamente. Eu acho que o fato de não ser viável historicamente não significa que seja possível: o golpe que houve na Bolívia, foi possível, não foi viável historicamente.

Depois de certo tempo, com o isolamento internacional, por uma série de fatores, ele retrocedeu. Eu não acredito que esse fechamento se dê em um golpe. Eu creio que ele vai se dando gradativamente, são várias medidas que vão apontando no horizonte, vão encaminhando pro horizonte e que vão configurar esta nova constelação que ainda não se expressou. Mas ao nível do governo os setores mais duros já estão prevalecendo, apesar destas perspectivas ainda não se expressarem em medidas muito concretas. Em parte porque o movimento ainda está muito débil, ele está se manifestando pouco. Você vê que um simples confronto em Florianópolis já bastou para prenderem cinco estudantes e enquadrarem na Lei de Segurança Nacional e que isto está sendo uma coisa progressiva, eu creio. A curto prazo, a perspectiva que vejo é de fechamento e, inclusive conto com a possibilidade de haver mecanismos de repressão semelhantes aos mecanismos que a gente viveu no passado; semelhantes ou pelo menos mais tênues, mas semelhantes. Então eu conto com esse processo. A curto prazo sou pessimista. Mas eu acho que o processo de fechamento que está se configurando vai fortalecer a longo ou médio prazo o movimento popular porque a repressão pura e simples não responde às questões. A tentativa militar é sempre a de responder com a repressão. Mas historicamente a repressão que é eficiente num momento, pode ser ineficaz em outro. Se num momento ela pode cortar o movimento popular e fortalecer um processo, servindo para reajustar toda a máquina repressiva e administrativa, no outro momento ela pode impulsionar o movimento popular e fortalecer um isolamento tanto em nível nacional, como internacional. E inviabilizar, não só o golpe como o regime político, e precipitar realmente a queda da ditadura. Eu vejo muito por aí. Eu vejo que um golpe deste tipo, a médio prazo, pode precipitar a queda da ditadura numa ruptura muito mais profunda do que poderia haver agora.



Creio que posso dar uma contribuição muito grande rompendo preconceitos do movimento feminista em relação ao movimento operário e vice-versa

Jornal: FCHH TRN

Data: 24 / 12 / 79

Pag.

Parte n.º

N.º do recorte

CRECHE PRECISA AJUDA DO POVO

Manter 85 crianças na creche masculina e feminina do Jardim Maristela está causando dificuldades para Lúcia Rodrigues de Souza, responsável pela entidade, que recebe subsídios da Febem, de 350 cruzeiros mensais por criança para cobrir os gastos com a assistência de 29 menores. No almoço oferecido ontem às crianças, Lúcia Rodrigues agradeceu as atitudes de apoio à iniciativa de manter a creche, mas solicitou o envio de mantimentos e roupas para os menores, que, por falta de acomodações, dormem no chão.

Além das crianças normalmente assistidas pela creche, no almoço oferecido ontem, apareceram outras, vindas da favela situada nas proxi-

midades. Também compareceu ao evento, o delegado Luís Carlos Fanucci, do 26.º DP, uma das pessoas que mais auxiliam a entidade, segundo revelou Lúcia Rodrigues. A creche, passando por dificuldades financeiras, aguarda a liberação de verba da Secretaria da Promoção Social para a aquisição de novos equipamentos, principalmente leitos, para abrigar as crianças. Por falta de camas, elas são acomodadas sobre colchões, no assoalho da creche, segundo informou Lúcia Rodrigues.

Hoje, às 15 horas, os menores assistidos pela creche do Jardim Maristela receberão a visita do Papai Noel, que distribuirá alguns brinquedos em comemoração à passagem do Natal.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: DP VEP 2 (21) Pasta n.º
Data: 12/79 N.º do recorte.....
Pág. 7

Ano 2. 3 Vila

Creches

n.º 21 28/75 p 7

Depois de cinco anos de luta o movimento por creche do Jardim Miriam recebeu a confirmação da Prefeitura sobre a construção de uma creche no bairro, que terá capacidade para atender 100 crianças, e será mantida economicamente pela prefeitura apenas durante um ano.

Reunidos na primeira semana de dezembro, para discutir a decisão, os moradores do Jardim Miriam resolveram ir dia 13 ao Cobes (Coordenadoria do Bem Estar Social), reivindicar a continuidade da manutenção da creche pela prefeitura, e a participação dos membros do movimento na sua administração.